



*As várias facetas da
interdisciplinaridade em
Arqueologia*

O TESTAMENTO DO *MEDICVS PACENSIS*

José d'Encarnação

Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

jde@fl.uc.pt

O Testamento do *medicus Pacensis*

José d'Encarnação

Historial do artigo:

Recebido a 01 de setembro de 2017

Revisto a 31 de setembro de 2017

Aceite a 15 de outubro de 2017

RESUMO

Traça-se um panorama do que foi, até ao momento, a investigação levada a efeito sobre o verdadeiro significado desta sugestiva epígrafe.

Procura-se, na segunda parte, propor uma interpretação que traz de inovador:

- 1) o facto de se optar pela atribuição ao *medicus* da oferta não de dinheiro nem de vinho mas sim do próprio altar;
- 2) a demonstração de que não estamos perante um fenómeno de *interpretatio* e o deus Esculápio é mesmo, portanto, a divindade romana;
- 3) a ideia de que *Ianuarius* agradece o privilégio de lhe ter sido concedida a honra de presidir às festividades;
- 4) a resolução – de forma que se crê definitiva – da leitura da linha 9, reconstituindo aí a palavra *quinquatrídium*.

Palavras-chave: *medicus*, *Quinquatria*, Esculápio, *interpretatio*.

ABSTRACT

A panorama of the extensive research about CIL II 21, dedicated at Mirobriga, in the Lusitanian *conventus Pacensis* is given.

In the second part, the author advances a new interpretation of the inscription:

- The *medicus* offered an ara and not something else (wine or money);
- The *Aesculapio's deo* designation isn't a sign of roman *interpretatio*;
- The city's splendidissimus ordo gave to *Ianuarius* the *Quinquatria's* presidency;
- We must read *quinquatrídium* at lines 8-9.

Key-words: *medicus*, *Quinquatria*, *Aesculapius*, *interpretatio*.

A bem conhecida inscrição romana identificada em Santiago do Cacém que refere um *medicus Pacensis* tem sido alvo de muitos estudos, não apenas por fazer menção de um *medicus* mas também porque o mau estado em que se encontrou a epígrafe não permitiu esclarecer bem a relação do *medicus* com o culto a Esculápio, na medida em que se aludia a um testamento. O que fora legado, porquê e para quê sempre intrigaram os autores, até porque só muito recentemente a «lápide» foi retirada da parede do hospital da vila, onde durante séculos permanecera (vd. Figura 1.), e se verificou que, afinal, estávamos perante uma ara de muito bom porte (vd. Figura 2.) e não de singela placa.



Figura 1. A inscrição na parede do Hospital Velho. Fonte: Guilherme Cardoso.



Figura 2. A ara na sua totalidade. Fonte: Guilherme Cardoso.

A ara, após o restauro, encontra-se depositada no Museu de Arte Sacra de Santiago do Cacém, na igreja matriz dessa cidade, onde tem estado exposta desde 1998. O Museu encontra-se encerrado desde Setembro de 2017, por ordem do bispo de Beja.

As possibilidades que, na actualidade, as técnicas fotográficas nos disponibilizam, acrescidas do facto de se poder analisar de perto o seu letreiro e não da rua para as alturas justificarão que se trace um panorama do que, até agora, foi conjecturado acerca do real significado da epígrafe e apontar, quiçá, uma nova perspectiva de entendimento.

1. A longa história de um estudo

1721 – Marquês de Abrantes

Quando, por encomenda da Academia das Ciências de Berlim, Emílio Hübner empreendeu uma viagem à Península Ibérica com o intuito de recolher informação de todas as inscrições romanas até então identificadas, teve ocasião de consultar a documentação que mais à mão havia sobre o assunto.

No caso da inscrição em apreço, encontrou na documentação da Academia Real da História o relato feito, a 31 de Julho de 1721, pelo académico Marquês de Abrantes, que não especifica claramente onde foi encontrada a epígrafe («Locum accuratius non indicat», escreve Hübner – **vd. Figura 3.**) e dela apresenta, mormente no que concerne às linhas 8 a 11, uma leitura com bastantes dúvidas (1).

21 Locum accuratius non indicat Abr. 'Na parede do adro do hospital'
A. de M. e S. Utrum perierit necne ignoratur.

A E S C V L A P I O
D E O
C A T T I V S · I A N V A R I V S
M E D I C V S · P A C E N S I S
3 E S T A M E N T O · L E G A V I T
O B M E R I T A · S P L E N D I
D I S S I M I · O R D I N I S
9 8 0 D · P 0 Q Y 8 · I N · Q V A T R I
d u V M · P R A E S T I T E R I T
10 J A R I V S · I S A S · H E R E S
F A C · C V R 0

Vv. 8—11 ita diverse exhibent

Abrantes:	Moreira:	Cornide:
IIIDEI · QVINOVATRI	IIIIQVINQVATRI
UVM PRAESTITERIT	ABIVISASHERES
ARIVSISAS · HERES	IVSISAS HERES	CVM PRAES FVERIT
FAC · CVR0	FAC · CVR	FAC · CVR

Abrantes documentos da acad. real da hist. 1, 1721 Jul. 31, hist. da acad. 1 p. 302 q. v. (inde Mur. 18, 5 per Bimardum; e Muratorio Masdeu 6, 162, 824 et Or. 1575); Cornide ms. Matrit. 18, 40, qui nomen Abrantis quidem ascripsit, sed aliud quoque exemplum habuit; Moreira ms. (inde Levy 316, 741 v. 1—7 pessime, 317, 744 v. 8—11 caecutiens, ut solet); A. de M. e S. in o *Panorama* 2, 1843 n. 2 locum quidem indicavit sed tituli initium tantum ascripsit. Restituere conati sumus Mommsenus et ego act. Berol. a. 1861 p. 750.

3 CATVS · Cornide CALTVS Moreira C · ATTIVS Mur. 10 ADVISIAS Mur. 8—11 Hagenbuchius apud Orellium ita explicabat *dec(urionum)* qui *nov(um) atrium*, Mommsenus: [quo]d locu[m] in quatu[du]m praestiterit [F]abius Isas heres fac. cur., ego antea Cornidem secutus: [quo]d ei *quinguatris* [d]ivisa s(unt). *heres cum prae(n)s fuerit fac. cur.*; poteris etiam sic ob *meritis splendidissimi ordinis* [quae] d[ie] *quinguatrum praestiterit* [F]abius Isas h. f. c. Mommsenus cogitavit de loco homini Pacensi in Merobrigensium spectaculis decreto ordinis tributo, ego de pecunia ludorum.

Figura 3. A ficha no CIL II. Fonte: O Autor

1739 – Muratori

Muratori (1739: 5), que afirma ter recebido a informação através do *praelaudatus Bimardus*, dá a seguinte lição das linhas 8 a 11: DEI QVI NOVATRI/VM PRAESTITERIT / ADIVSIAS HERES, referindo que a versão registada nas actas da Academia aponta para a penúltima linha a leitura ABIVS ISAS. Acrescenta que o médico é natural de Pax Iulia: «patria fuit Pax Iulia». Segundo Hübner, Masdeu transcreveu o que Muratori relatara.

1799 – Cornide

Cornide, ao invés, foi a Santiago do Cacém e copiou a epígrafe, a 20 de Outubro de 1799: «En la villa [de Santiago de Cacém], y en frente del Hospital, se ha colocado una lápida de mármol blanco de dos pies en cuadro que, a no ser por esta diligencia, hubiera perecido com le ha sucedido a algunas de las letras que contiene, por estar rota por en medio; las que se leen son las siguientes: [...]» (vd. **Figura 4.**) (ABASCAL Y CEBRIÁN, 2009: 572).

AESCVLAPIO
 CATTVS IANVARIVS
 MEDICVS PACENSIS
 TESTAMENTO LEGAVIT
 OB MERITA SPLENDI
 DISSIMI ORDINIS
 MED FII VINQVATRI
 VM PRAESES FERIT
 ABIVSISAS HERES
 FAG·CVR.

Figura 4. Reprodução da imagem apresentada na página 573 de Abascal – Cebrian. Verifique-se como foi difícil a Cornide ler a epígrafe devido à sua localização. **Fonte:** O Autor

E é curioso citar o que diz mais adiante (2009: 575), em relação à hipótese formulada por André de Resende de que em Santiago do Cacém se deveria localizar a antiga Mirobriga: «[...] Yo no hallo más razon para acomodar a Mirobriga a Santiago do Cacém como lo hizo Resende que a cualquier outro pueblo del Alentejo. La inscripción del médico Ianuario nada prueba, porque si menciona el permiso del Ayuntamiento para poner la memoria a Esculapio, no dice qué Ayuntamiento era éste y, si se entiende alguno en la línea deteriorada, no es el de Mirobriga [...]».

Conta Hübner que António Joaquim Moreira, funcionário da Academia das Ciências, se teria encarregado de copiar em fichas as inscrições de que ali se ia tendo conhecimento. Dessas fichas se utilizou, por exemplo, Levy Maria Jordão, que transcreve esta sob o nº 741 (1859: 316), «pessime» nas linhas 1 a 7 e «caecutiens, ut solet» ('cegueta, como é costume') nas

linhas 8 a 11. A Hübner o acesso fora negado, de modo que o epigrafista alemão não hesita em criticar acerbamente os autores dessa recusa (CIL II, p. XX, nº 62 e p. XXV nº 88) (2).

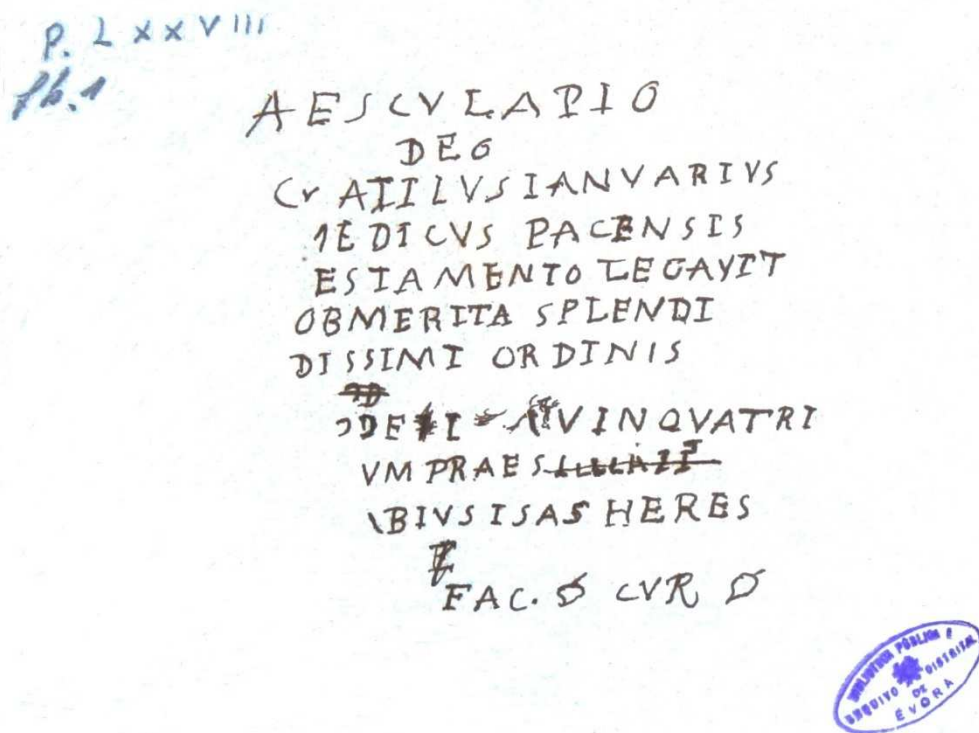


Figura 5. O desenho de Cenáculo. Fonte: O Autor

1843 – O Panorama

Publicou-se em Portugal, durante a 1ª metade do século XIX (de 1837 a 1868) O Panorama, que, editado pela Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, tinha por subtítulo «Jornal Literário e Instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis». Não deixa, por isso, de ser sintomático que haja albergado um texto, assinado por um autor que em siglas se identifica (como era hábito então), onde, a propósito do castelo de Santiago de Cacém, se escreve (1843: 121): «Na parede do adro do hospital está encravada uma pedra quadrada, em cuja inscrição, já gasta, se lê ainda Esculapio Deo».

E acrescenta: «Este e outros monumentos confirmam ser esta vila a Mirobriga dos antigos, ocupada depois pelos romanos [...]».

1859 – Jordão

A versão de Jordão é a seguinte (em letras maiúsculas): *Aesculapio Dio / Caltus Ianuarius / medicus Pacensis / estamento legavit / ob merito splendi/dissimi ordinis.*

De facto, perante tal transcrição, há que dar razão a Hübner (nº 88: XXV): «Levy igitur malius fecisset, si librum suum omnino non scripsisset», melhor teria feito Levy se não houvera escrito o seu livro!

1869 – Hübner

Quando Emílio Hübner elabora o relatório preliminar da sua viagem, publicado entre nós pela Academia das Ciências em 1871, apresenta, nas páginas 30-31, a versão que ele e Mommsen propuseram e que, em relação às linhas problemáticas, se apresenta desta forma: [...] *quo D.EI.QVINqVATRI/A.dIVISA.S.HERES / CVM.PRAESES.FVERIT / FAC ♣CVR*

Quando, porém, a passa para o CIL II 21, a leitura é diferente:

quoD · peQVn · IN · QVATRI/duVM · PRAESTITERIT / fABIVS · ISAS · HERES / FAC ♣CVR

No que respeita às controversas linhas 8 e 9, escreve Hübner que Mommsen preconizara a interpretação [*quo*]d locu[m] in quatri[du]m praestiterit; recorda a atrás citada versão que apresentara no relatório e pondera também a hipótese de se ler [*quae*] d[ie] quinquatrium praestiterit [F]abius Isas h. f. c. Explica depois que Mommsen era de opinião que aí se fazia referência ao lugar atribuído, por decreto dos decuriões, ao homem de Pax Iulia, nos espectáculos mirobrigenses, enquanto ele pensava, de preferência, que se tratava de uma alusão ao financiamento dos jogos: «Mommsenus cogitavit de loco homini Pacensi in Merobrigensium spectaculis decreto ordinis tributo, ego de pequnia ludorum».

1892 – Dessau

H. Dessau (ILS 6903) começa por escrever Santiago de Cacém [sic] «[...] ubi fortasse fuit Merobriga». A sua versão: [*quo*]dei quinquatri/..um praestiterit / [F]abius Isas heres. Em nota, considera *exemplum optimum* a versão *ei quinouatri/...um* e dá *aliud exemplum quinqa/tricum*, para concluir: *quid subsit obscurum*, ‘mantém-se obscuro o significado desta linha’ – e nada mais adianta.

1925 e 1938 – Leite de Vasconcelos

Leite de Vasconcelos parece não ter ligado, a princípio, grande importância à epígrafe, porque apenas alude a ela em três linhas (1913: 262-263), transcrevendo o seu início com base em CIL II 21, acrescentando, em nota, que «parte do texto desta inscrição, pelo menos nas cópias que dele se tomaram, não é inteiramente claro».

Refere-se-lhe em 1925 já com mais detença (1925: 54), (3) versão que melhor explanará em 1938 (1938: 310-314).

Após observar que, perante o que já fora escrito sobre a epígrafe e as mais diversas versões apresentadas, a sua leitura não era «também, em absoluto, satisfatória, mas, ao menos, corrige algumas das emendas» que mencionara (1938: 312) e conclui: «Talvez da 8ª para a 9ª linha devemos ler *quinquatrium*; embora no começo da 9ª linha haja espaço para duas letras, estaria lá somente V (de que resta parte) ou acaso também repetição equivocada de uma ou duas letras vindas da linha anterior. *Quinquatrium* podia ser uma forma (acusativo) plebeia deduzida de *quinquatria* [...]», designando *quinquatrus*, *quinquatres* ou *quinquatria* «uma festa que se celebrava no 5º dia depois dos idos (donde o seu nome), quatro vezes no ano, duas festas maiores, duas menores». Sendo assim, dá, na página 313, a tradução: «Ao deus Esculápio deixou em testamento esta memória Caio Átio Januário (ou Cátio Januário), médico

em Pax Iulia (Beja), por causa da benevolência que o preclaríssimo conselho municipal teve para com ele, admitindo-o à honra de assistir à festa denominada QVINQVATRVS (para a qual o convidara)».

Em seu entender, poderia ter acontecido o seguinte: «O médico Januário fora chamado [...] e, pela missão clínica aí exercida por ele com bom resultado (acaso o tratamento de uma epidemia, pois que é o governo local quem o premeia), o conselho ou senado municipal (ordo decurionum), além de paga que lhe daria, o obsequiou pelo modo constante das linhas 8ª e 9ª, isto é, não só convidando o médico para a festa, mas porventura agasalhando-o e banqueteadando-o». Poderá, pois, concluir-se:

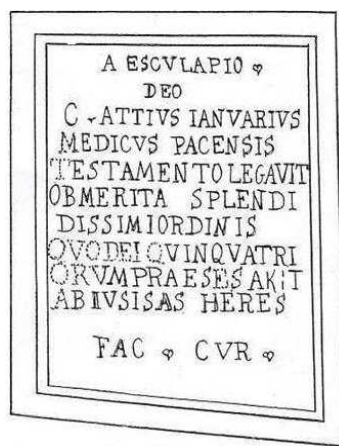
«2) que o mesmo médico atribuíra a Esculápio a felicidade obtida na cura ou curas feitas e que por isso instituiu em testamento que ao deus se dedicasse uma memória. Esta memória, que foi mandada fazer pelo herdeiro Isas, [...] talvez consistisse unicamente na deposição da lápide no templo de Esculápio» (1938: 314).

1946 – Cruz e Silva

Cruz e Silva, ao relatar o resultado das intervenções arqueológicas feitas em Santiago do Cacém, debruça-se, como é natural, sobre a epígrafe (1946: 348-351; Figura 21) e a sua opinião é que «ao médico estrangeiro fora concedido por um decreto do Conselho um lugar de honra nos jogos» e, por conseguinte, a inscrição «faz preito de reconhecimento e admiração aos deus *Aesculapius* – pelas milagrosas curas realizadas» (1946: 350).

1947 – Arquivo de Beja

No Arquivo de Beja IV, 1947, página 359, vem um desenho (vd. **Figura 6.**), que se diz ter sido extraído da Vida de Sisenando, mostrando a seguinte leitura das linhas 8 a 10: [QVO]DEI [Q]VINQVATRI/[ORV]M PRAES[ES] AK[I]T [A]B IVSISAS HERES. O que ora se pôs entre parêntesis recto vem na revista a ponteadado, para indicar dúvida de leitura.



S. Tiago do Cacém. Vida de Sisenando.

Figura 6. S. Tiago do Cacém. Vida de Sisemando. **Fonte:** O Autor

1951 – Lambrino

Scarlat Lambrino (1951: 115) relaciona o culto de Endovélico com o de Esculápio, citando, para o efeito, esta epígrafe, que lê, nas linhas em apreço: [...] *[qu]od ei quinquatri[u]m praestiterit, [F]abius Isas*, etc. E comenta: «[...] um médico originário de *Pax Iulia*. Enriquecido pelo exercício da medicina, ergue um monumento caro a este deus».

1953 – Álvaro d’Ors

Álvaro d’Ors (1953: 419), ao examinar os legados por testamento, dá esta inscrição como exemplo de legado que «consiste en un obra pública». E explicita: «Así un *medicus Pacensis* [...] legò una estatua al dios Esculapio, en atención a los beneficios recibidos del ordo de los decuriones; parece tratarse, aunque la lección es muy incompleta, de que se habría concedido el local para la celebración de un banquete de cuatro días (*locu[m] in quatri[du]m praestiterit*), pues la conjetura de Hübner de un préstamo de dinero parece menos probable» – e remete para o verso 134 da *Lex Ursonensis*, que assim transcreve nas páginas 279 a 280: «[...] se prohíbe que los magistrados locales [...] no gestionen ni permitan que se gestione una subvención de la pecunia publica, aunque no sea en dinero [...], a favor de aquel que ofrece algún honor a la ciudad o hace algún obsequio público o pone o promete una estatua. Con ello se quería combatir el posible abuso de hacer gravar sobre la caja pública las promesas generosas o las iniciativas lisonjeras».

1963 e 1964 – D. Fernando de Almeida

D. Fernando de Almeida, no artigo sobre o circo, sugere: «Possivelmente, a grande festa *Quinquatrus* [...] também teria tido lugar no circo» (1963: 154).

D. Fernando de Almeida (1964: 45-48) opta por ler *[q]uod ei Quinquatri/um praestiterit* e traduz, por sugestão de Lambrino: «Gaio Átlio Januário, médico de Beja, dispôs no seu testamento que se levantasse este monumento em honra do deus Esculápio e em louvor dos Excelentíssimos Senadores de Miróbriga, por terem oferecido festejos a aquela divindade. O herdeiro, Fábio Isas, mandou fazer o monumento» (1964: 46).

«Daqui se conclui», assevera mais adiante (1964: 48), «ter havido em Miróbriga, cidade com um grande santuário, festas da Primavera, e que essas festas teriam sido ordenadas pelo senado de “civitas” (ou município) em honra de Esculápio, talvez no seu próprio templo».

1971 – Mangas

No seu livro sobre os libertos atestados nas epígrafes peninsulares (1971: 274), Julio Mangas «justificada la devoción del liberto *Cattius Ianuarius*, que se nos presenta como *medicus*», acrescentando: «Puede tratarse de un médico de carácter público al servicio de la ciudad de *Pax Iulia*». Na página 335, insere também *Fabius Isas* no rol dos libertos.

1971 – José Vives

José Vives (ILER 188) esclarece que há várias leituras da linha 7 e opta por ler *Cattius* e, nessas linhas, *quod pequun. in quatrduum praestiterit*. Não está correcta a divisão das linhas e apontam-se as termas como local de achado da epígrafe.

1973 – Jorge Alarcão

Na 1ª edição do seu *Portugal Romano* (1973), Jorge Alarcão refere a epígrafe na página 163; anota, na página 153: «As gentes deslocavam-se por ocasião das festas, como aquele médico de Pax Iulia que veio a Mirobriga a umas festas em honra de Esculápio e deixou assinalada a sua presença por uma inscrição».

E, ao aludir, na página 189, ao santuário identificável na acrópole de Mirobriga, levanta a questão: «Se Esculápio era o deus adorado nesta acrópole, estes edifícios poderiam ser destinados aos doentes, que aí aguardariam de noite os sonhos inspirados pelo deus da saúde».

São reflexões que mantém na 2ª edição, de 1983.

1974 – D. Fernando de Almeida

Foi postumamente publicado, em 1988, o texto redigido em «Lisboa, 1974» sobre o santuário campestre de Miróbriga dos Célticos.

D. Fernando de Almeida noticia as inscrições encontradas, entre as quais, na página 25, aquela que nos ocupa: dá o texto, optando por reconstituir, nas linhas 8-9, *[q]uod ei Quinquatri/um praestiterit*. Na última linha, certamente por lapso, apenas indica *f(aciendum) [sic]*. Na página 26, considera a possibilidade de se haverem realizado, por ocasião das festividades, «corridas de carros e de cavalos no circo, bem como outras manifestações lúdicas» (4).

1976 – Robert Étienne

Na severa recensão que Robert Étienne faz ao livro de Julio Mangas, em que contesta significativa parte das suas atribuições do carácter libertino a pessoas cuja identificação estava patente na epigrafia peninsular, nessa lista contra inclui *C. Attius Ianuarius*, asseverando que «não apresenta nenhum indício de ser um liberto» (1976: 217).

1976 – Crespo e Sagredo

No rol das profissões incluem, sob o nº 28, na página 76, o *medicus Pacensis*. Na leitura interpretada da epígrafe transcrevem *Cattius* e *Abius*, respectivamente no nome do *medicus* e no do seu *haeres*. Reconstituem, nas linhas 8 e 9, *(quo)d (pe)qu(niam) in quatri/(du)um*.

Na página 68, no entanto, aludem apenas a 3 médicos epigraficamente atestados na Lusitânia e também omitem o *Pacensis* no quadro esquemático da página 69. Consideram *Pacensis* a menção da *origo* (1976: 67).

1977 – Rodríguez Neila

Em 1977, Juan Francisco Rodríguez Neila dedicou um estudo aos «médicos oficiales de las ciudades en época romana». Ao interrogar-se sobre o estatuto social dos médicos, responde,

na página 7: «O médico podia ser de origem servil ou liberto, homem livre e cidadão ou forasteiro adventício; porém, acima de tudo, já desde o Alto Império, a sua personalidade foi adquirindo os rasgos de um profissional sério e amante da sua arte, em cujo grémio poderiam caber bons e maus praticantes, mas a cujo ofício não podia dar-se, na generalidade, nenhum qualificativo depreciativo».

Em relação especificamente a *Ianuarius*, após afirmar que «la atención de estos médicos oficiales se dirigía sólo a los integrantes del sector de población más privilegiado, los colonos», opina: «[...] Es posible que el liberto *Cattius Ianuarius*, que aparece como *medicus Pacensis* haciendo una dedicación a Esculapio, fuera un médico público al servicio de la ciudad de *Pax Iulia* (Beja), pero aquí el testimonio no es tan seguro» (1977: 12).

1981 – José d’Encarnação

Na comunicação apresentada, em Oviedo nos primeiros dias de Abril de 1981, por ocasião do V Colóquio de História Antigua, apresentou José d’Encarnação a sua análise do monumento (1981: 27-29).

Após referir que «o texto merece reflexão adequada e, como tal, urge a sua divulgação no mundo científico». Na verdade, embora, a seu tempo, Dessau tenha sido de opinião que esta era uma ‘*inscriptio*’ digna de ser considerada ‘*selecta*’, fora do comum, o certo é que as diversas dúvidas suscitadas ainda não haviam encontrado lisonjeira solução.

Ao analisar a expressão *testamento legavit ob merita ordinis* (linhas 5-7), conclui que, apesar de não se haver ainda, na altura, encontrado paralelo para a expressão *testamento legare*, se trata de um legado testamentário, que o herdeiro, *Fabius Isas*, deveria concretizar. E, uma vez que a fórmula *ob merita* se aplica a pessoas, aqui deve entender-se que os méritos são *da ordo decurionum* e são os méritos que constituem a razão de ser do legado. Mas importa interrogar-nos: como se terão manifestado esses méritos? Nas linhas seguintes, caso não estivessem tão estropiadas (recorde-se que, na altura, a epígrafe ainda estava encastrada na parede do antigo hospital e a uma considerável altura do chão...), reside, sem dúvida, a chave da questão.

Poder-se-á ler, continua José d’Encarnação, [QV]OD EI [Q]VINQVATRI/[DI?]VM ou [E]VM · QVO DIE QVINQVATRI/VM. Retoma, de seguida, as interpretações dadas por Álvaro d’Ors, Cruz e Silva e Lambrino, a que já se fez referência; anota que «o próprio texto é sibilino, sem paralelos conhecidos» e que «a forma *praestiterit*, conjuntivo decerto regido por um *quod*», se presta «a variadas interpretações»; assinala que – na sequência do que Lambrino sugerira – a junção da palavra *deus* a um teónimo latino pode indiciar a existência de uma divindade pré-romana com a qual esse «númen» se identificou; e, na sequência dessas observações, conclui (1981: 28): «Uma coisa é certa: a eventual presença do vocábulo *Quinquatrus*, designativo duma festa tradicional em honra de Minerva, divindade que, tendo qualidades médicas, teria aqui cedido o lugar a Esculápio, sugere a existência, em Miróbriga, duma festividade oficial, que (atendendo à presença do vocábulo *deus*) poderia muito bem ser a continuação romana duma manifestação religiosa à divindade indígena com que Esculápio se teria identificado».

Ocorre-lhe, pois, pôr a questão: «Terá Miróbriga funcionado desde tempos imemoriais como local de peregrinação, com um santuário e outros edifícios públicos (há as termas, o circo...), onde o “Esculápio” indígena e, depois, o “Esculápio” romano, anualmente se festejava por causa das curas milagrosas operadas? Se a resposta for afirmativa – e talvez o prosseguimento das escavações um dia no-lo documente – teríamos aqui a confirmação dum culto pré-romano

que, através da *interpretatio*, continuava ao tempo dos Romanos com todos os foros de oficial».

Dada, conseqüentemente, a importância desse texto, José d'Encarnação lança o desafio aos investigadores para que sobre ele se debrucem, pois, escreve, «todos não seremos de mais para correctamente o interpretarmos» (1981: 29).

1984 – José d'Encarnação

Ao estudar as inscrições romanas do *conventus Pacensis*, José d'Encarnação voltará, em 1984, ao monumento, fazendo o seu exaustivo estudo epigráfico (IRCP 144). Manteve a opção [QV]OD EI [Q]VINQVATRI/[...]VM e propôs a tradução: «[...] legou, por testamento, (alguns bens) ao excelente conselho municipal, que, honra lhe seja, organizou, em honra de Esculápio, cinco dias de festa. [...]».

Contesta a objecção de Robert Étienne em relação ao estatuto de *Ianuarius* e do herdeiro, observando que é comumente aceite que, em Roma, a maior parte dos que exerciam a medicina pertenciam à classe dos libertos. No que se prende com o adjectivo pacense, dá a entender que não seria propriamente a naturalidade, mas que – na senda do que aventara Mangas – poderia tratar-se de «um médico público, pago por *Pax Iulia*». Concorda que a menção da *splendidissimus ordo* implica «a existência duma organização de tipo municipal» e, anotando que embora *ob merita* – como atrás se disse – seja expressão habitualmente atribuída a personalidades e aqui o seja a uma entidade, tal se poderá explicar se se considerar que «talvez o mérito que Januário atribuía à *ordo* fosse a instituição dos jogos (que, neste caso, já existiriam) ou a construção de um templo».

Propõe, a concluir, uma datação do século II, com base exclusivamente na paleografia (5).

1986 – Francisco de Oliveira

Na exaustiva recensão que fez a IRCP, Francisco de Oliveira (1986: 343) interpreta a expressão *ob merita splendidissimi ordinis* «como explicitação do motivo da homenagem». E continua: «[...] Há um agradecimento a Esculápio, que é tomado como responsável pela distinção que consistiu na entrada no *splendidissimus ordo*, acaso como duúnviro. Em agradecimento, Januário lavra no seu testamento uma estátua a Esculápio, além de (leitura ET em vez de EI) deixar dinheiro com que pagar festas em honra de Minerva, deusa dos artífices e dos médicos (na hipótese da leitura QVINQVATRIVM), ou uma manifestação lúdica, o pentatlo, oferecido à comunidade, se lermos QVINQVERTIVM, ou QVINQVARTIVM, com tr por rt».

Por consequência, propõe a seguinte tradução:

Ao deus Esculápio. Gaio Átio Januário, médico pacense, pelo merecimento da ordem ilustríssima, legou em testemunho (6) (dinheiro) que também pagasse Quinquátrias (ou: um pentatlo)...

1988 – Blázquez Martínez

Na perspectiva – que sempre lhe foi muito cara – de ir actualizando o rol das divindades indígenas, o saudoso Prof. Blázquez preparou com María Paz García-Gelabert Pérez um texto

com os novos contributos de que, nesse âmbito, tivera conhecimento. Começam precisamente por se referir ao «santuario campestre romano» que D. Fernando de Almeida dera a conhecer, num dos volumes de homenagem a García y Bellido. E anotam (1988: 153-154): «El santuario es de época romana, pero suponemos la hipótesis de que se trata de un santuario romano consagrado a una deidad lusitana, equivalente al Esculapio griego, como parece desprenderse de la inscripción hallada [...]».

A questão prende-se com a presença da palavra deo, que, segundo a opinião de Lambrino, encobriria uma divindade indígena pré-existente, ocorrendo aqui uma interpretatio (7).

Note-se que escrevem «Esculapio griego», certamente por lapso, porque, em grego, não é Esculápio mas Asclépio.

1990 – Farland

Farland, debruçando-se sobre a mobilidade das gentes na Lusitânia romana, apresenta «a doctor who relocated from Pax Iulia to Mirobriga (CIL II 21» como exemplo dos que percorreram uma curta distância: «while others may have migrated but a short distance» (1990: 250). E este é, em seu entender, um dos casos em que o móbil da deslocação foi o exercício da profissão: «Certain individuals may have moved from one locale to another because of their trade or skill (e. g. C. Attius Ianuarius, medicus: CIL II 21; from Pax Iulia to Mirobriga» (1990: 251).

Poderá deduzir-se que Farland é de parecer que o *medicus Pacensis* se deslocou para Miróbriga para aí exercer a sua profissão; mas não entra em pormenores, ou seja, não especifica se se trata, em seu entender, de uma deslocação temporária ou permanente; aliás, o contexto que envolve a epígrafe ter-lhe-á passado despercebido ou de propósito o terá omitido, por não se incluir cabalmente no seu propósito.

1991 – Rémy

Entre as 19 inscrições de médicos da Península Ibérica que analisou, 17 homens e duas mulheres, Bernard Rémy deu atenção a IRCP 144 (c 324-326).

Segue a leitura aí proposta; em seu entender, *Ianuarius* «était originaire de la colonie julienne de Pax Iulia [...], où il exerçait ses talents de médecin a titre privé».

No que concerne à razão do seu legado, afirma que terá sido «probablement à la suite d'un vœu» que deixou ao conselho municipal de Miróbriga «une somme d'argent (sans doute importante) pour lui permettre d'organiser une fête locale des Quinquatries».

E porquê Miróbriga?

«Sans doute faut-il admettre qu'il y avait là un important sanctuaire d'Esculape, peut-être un centre renommé de pèlerinages».

Há, porém, uma pergunta de Bernard Rémy cuja formulação nos permite pensar que, na sua opinião, pode não ter sido o dedicante que se deslocou a Miróbriga mas sim Isas: «On peut cependant se demander pourquoi Ianuarius a demandé à son exécuteur testamentaire de venir s'acquitter de son vœu à Mirobriga à plus de 75 km à vol d'oiseau de son lieu d'exercice» (8).

Também o cognomen Isas Ihe merece atenção: confirma que se trata de um hapax, ou seja, também ele não encontrou qualquer paralelo, e relaciona-o com o culto de Ísis, «um dos cultos orientais mais populares na Hispania» (1991: 326).

Quanto à datação, apresenta Bernard Rémy um argumento que contraria bastante o que, a esse propósito, se tem pensado, porque escreve: «Comme le nom de la divinité est introduit par Deo, ce texte est probablement postérieur au règne d'Antonin le Pieux, et pourrait même dater de l'époque des Sévères».

1991 – José d'Encarnação

José d'Encarnação dá, em 1991 (1991: 186), a primeira notícia acerca da tipologia do monumento, justamente para demonstrar a importância que essa tipologia detém para se determinar o seu contexto original, uma vez que, explica, «é nessa íntima relação entre a epígrafe e o seu enquadramento que reside parte significativa do seu valor como documento histórico» e exemplifica com o caso de CIL II 21 até então considerado uma placa: «Retirado o monumento da parede, verificou-se ser uma ara com mais de um metro de altura. O contexto inicial terá sido, portanto, totalmente diferente e diferente é também o significado a atribuir-lhe: ganhou novo argumento a tese que defendia a presença dum templo a Esculápio em Santiago do Cacém e, por conseguinte, a existência duma grande devoção a esta divindade por parte dos habitantes sai, agora, substancialmente reforçada» – ideia que voltaria a vincar em 1993, página 316 (e que será transcrita em HEp 5 1995 nº 1053).

1994 – Vázquez Hoys

Ana Maria Vázquez Hoys refere-se, de passagem, a esta epígrafe, que transcreve (1994: 575) com alguns lapsos: lê *Atticus*; a expressão *quo dei quinquatri/um praestiterit* não lhe oferece dúvidas; e omite *CVR(avit)* no final. A sua alusão prende-se com o facto de apoiar a ideia – também corroborada por Blázquez (1988), na sequência de Lambrino, como vimos – de o santuário de «Mirobriga de los Célticos» ser mais um exemplo de «santuários dedicados a divindades romanas cuyo culto se ha sincretizado con deidades indígenas».

1996 – José d'Encarnação

Quando, em artigo de 1996, retoma os problemas em aberto na epigrafia mirobrigense (referido em AE 1996 835), Encarnação sintetiza as interpretações e os dados conhecidos até esse momento (1996: 137-139), sublinhando que Ihe parece insofismável que, em honra de Esculápio, em Miróbriga «se celebravam solenes festividades anuais a que acorriam peregrinos, como este médico pacense».

«Iguamente se afigura legítimo supor», prossegue no seu raciocínio, «que as solenidades eram da responsabilidade de magistrados locais e que, neste caso, Januário teria contribuído para elas com um legado».

Acrescenta, porém, que «estas hipóteses carecem de ulteriores confirmações», pois «não é de crer», argumenta, «que esta atitude tenha sido tão singular que outras semelhantes se não documentem noutros lugares de culto» (1996: 138).

Esse artigo é referenciado em AE 1996 835, cujo editor comenta: «La prestation de l'évergète demeure énigmatique, malgré diverses hypothèses possibles. [...] Le texte comporte plusieurs

formules peu courantes dont on ne sait s'il faut les attribuer à une date relativement tardive ou à un autre motif».

1998 – Luzón

Luzón (1998: 248) começa por referir «que el antiguo castro prerromano está ocupado por un templo de culto a Esculapio».

«A corta distancia», continua, «hay unos baños en los que las aras y exvotos indican que se trata de un lugar de peregrinación para enfermos, atraídos por manantiales dedicados a las ninfas locales. A corta distancia, en la llanura, se construyó un circo que solamente puede explicarse por la existencia de celebraciones periódicas en el santuario, que atraerían una grande cantidad de visitantes y peregrinos de lugares relativamente apartados».

Há, da parte de José M. Luzón Nogué, um largo preito à fantasia, porque as termas de Miróbriga não têm mananciais terapêuticos; não se encontraram ali aras nem ex-votos para que se possa supor uma devoção às ninfas locais. Transformar Miróbriga numa estância termal de águas curativas, imaginar multidões a confluír para as festas a realizar no hipódromo constituem perspectivas que não encontram no terreno argumentos válidos.

1998 e 1999 – Andreu Pintado

Andreu (1998: 46) dá a atitude de *Fabius Isas* como exemplo de um liberto que protagoniza um acto benemerente: «[...] corriendo con los gastos de la organización de *ludi* y fiestas para la comunidad como *Fabius Isas* que ejecuta la disposición testamentaria de *C. Attius Ianuarius* al respecto de unas fiestas de *quinquatria* [...]».

Em publicação do ano seguinte (1999), Javier Andreu dedica mais de metade da página 470 a esta epígrafe, encarando-a do ponto de vista económico-social. Em seu entender, a realização das festas foi mero pretexto para – além de manifestar à *ordo* o seu reconhecimento e de, assim, promover socialmente o seu herdeiro – garantir a presença de mais gente nas suas exéquias.

Não se pode deixar de considerar «engenhosa» esta explicação.

2001 – Filomena Barata

Ao tratar do circo de Miróbriga, no encontro que se realizou, em Março de 2001, sobre os circos da Hispânia romana, no Museo Nacional de Arte Romano de Mérida, Filomena Barata adiantou a seguinte hipótese: «Podemos admitir que, em Miróbriga, Esculápio, pelas suas características médico-terapêuticas, e se bem que não sendo nomeado com o atributo de Augusto, possa funcionar como um dos guardiães da *Salus Augusta* e associar o seu culto e dos *ludi* dedicados em sua honra à pessoa do imperador, admitindo-se também que a dedicatória a esta divindade pudesse ter sido encontrada numa *aedicula* localizada nas proximidades do hipódromo. Poder-se-á, portanto, apontar para a existência dos *ludi* circenses em honra do imperador» (2001: 120).

Uma hipótese também ela «engenhosa», difícil de comprovar.

2002 – Vasco Gil Mantas

No catálogo da exposição sobre as religiões da Lusitânia (2002), patente no Museu Nacional de Arqueologia, Vasco Gil Mantas abordou de modo específico a vertente cultural do culto a Esculápio, na sua condição de filho de Apolo, o deus das artes e da perfeição.

«Quanto aos fenómenos de *interpretatio* envolvendo o culto de Esculápio, estes parecem relacionar-se exclusivamente com o influxo religioso fenício-púnico», escreve na página 126, para especificar, na página 128, «que o culto de Esculápio na Hispânia corresponde, em parte, à *interpretatio* da divindade púnica da saúde, o deus Eshmun, como parece indiscutível em Valência (CIL II 3726) e na Cueva Negra (HEp 2, 489)».

Essa «mesma situação» é seu parecer que «se verifica em Mirobriga». Aliás, «a presença em Mirobriga, como cultos predominantes, de Esculápio e de Vénus, evoca imediatamente a associação de Eshmun e Tanit».

Aproveite-se para notar que CIL II 3726 é dedicada ASCLEPIO / DEO por um *sevir augustalis*. Não parece, por conseguinte, que documento *interpretatio* com a divindade púnica da saúde; no entanto, essa epígrafe não deixa de ser oportunamente chamada aqui à colação, não pelos motivos apontados por Vasco Gil Mantas, mas por também ostentar a palavra *deo* isolada, na 2ª linha, e por o dedicante ser um liberto que integrava o corpo de sacerdotes do culto imperial. Uma eventual relação entre Esculápio e o culto ao imperador, de que atrás se falava, tem, a propósito de CIL II 3726, pleno cabimento.

Afirma Mantas que *Ianuarius* «era o médico oficial da colónia pacense» e pergunta se «a estátua de um particular representado como Esculápio, sugerindo tratar-se de um médico», achada no Monte da Salsa, perto de Serpa, não poderá ser «a imagem do próprio *C. Attius Ianuarius*, homem abastado e convicto devoto de Esculápio?».

Se atrás se falava de fantasias, esta última hipótese, inclusive devido à distância, corre sério risco de no mundo da fantasia vir a enquadrar-se. E aproveite-se o ensejo para corrigir a legenda da Figura 2. desse artigo: é um altar e não um pedestal a tipologia da epígrafe a Esculápio, de Miróbriga.

2004 – Ceballos

No propósito de elaborar o corpus epigráfico relativo aos espectáculos documentados na Hispânia romana (2004), Alberto Ceballos Hornero inclui o estudo epigráfico do monumento sob o nº 47 (2004: 271-274).

Comenta a presença do qualificativo *deus*, mas não opta por nenhuma explicação, limitando-se a assinalar as opiniões a favor e contra a estarmos perante um caso de *interpretatio*. Explica em síntese o que eram as *Quinquatria*. Cita a opinião de Javier Andreu Pintado (1988: 49), segundo a qual os actos de benemerência de libertos – como seria o caso – costumam ocorrer em cidades privilegiadas ou grandes portos, «ya que sus fortunas provenían generalmente del comercio» (2004: 274).

Diz que o autor de IRCP afirma que o conteúdo da epígrafe implica a existência de um importante templo a Esculápio, «al cual peregrinarían devotos una vez al año coincidiendo con estas enigmáticas festas» – o que não coincide exactamente com o que se lê em IRCP 144; por

outro lado, ao referir que «los balnearios de aguas minerales eran lugares de gran concurrencia», dá a entender que, em Miróbriga, existiriam águas termais, o que não corresponde à verdade; aliás, foi certamente essa relação que levou Daniela Rigato (2013: 141) a atribuir qualidades termais às termas públicas da cidade (“località rinomata per le sue acque termali”), de que Esculápio seria o patrono.

Alberto Ceballos afirma também que Encarnação ponderou a possibilidade de que a cúria mirobrigense houvera decidido instaurar essas festas e este «médico moribundo habría decidido costear su primera edición para librar al *municipium* de la carga económica que supondrían» (2004: 274). Trata-se, na verdade, de mais uma fantasia sua, pois que nada, em IRCP 144, o dá a entender.

A construção do hipódromo prende-se obviamente, em sua opinião e na esteira do que opinara Luzón (1998: 248), como atrás se referiu, com o culto a Esculápio; por isso, sugere: «Los *ludi* dados a Esculapio en esta localidad durante las *Quinquatria* pudieron consistir en competiciones hípcas» (2004: 273).

2006 – Vasco Gil Mantas

No artigo sobre as festividades romanas, Vasco Gil Mantas dedica um parágrafo (2006: 48) a esta epígrafe, que dá como «gravada num pedestal de estátua», donde se poderão salientar quatro ideias fundamentais:

– «O culto de Esculápio em Mirobriga terá sucedido, cremos, a um culto anterior, de origem púnica, sujeito à *interpretatio* romana e cujas celebrações permaneceram importantes a ponto de se justificar a construção de um circo capaz de albergar as multidões concentradas na cidade, aliás de dimensão modesta, por ocasião das festas»;

– o legado deixado aos decuriões «era destinado a custear quinquátrias em honra de Esculápio»;

– «*lanuarius* era, com toda a probabilidade, o médico oficial da Colónia Pacense»;

– trata-se «de uma situação típica de mecenato privado a festas regularmente apoiadas pelas autoridades locais».

2010 – Rémy

Como se salienta na bibliografia, Bernard Rémy reuniu em livro, com Patrice Faure, numa edição de De Boccard, os elementos disponíveis sobre a epígrafe, de que se ocupam, sob o nº 1 (2010: 87-89) (9).

Propõem para as linhas 8 e 9 a leitura [qu]od ei [q]uinquatri-/ [b(us) uin?]um praestiterit.

E traduzem: «[...] a légué par testament, en raison des mérites de l'ordre très splendide, de quoi offrir le vin(?) pour la fête des Quinquatries.»

Introduzem novas perspectivas em relação ao que tem sido exposto até aqui. Assim:

– No que concerne à eventual naturalidade (Pacensis) de *lanuarius*, escrevem: «Il n'est guère possible de considérer que cet adjectif indique l'*origo* du médecin, car, dans ce cas, il

aurait probablement été placé après les *tria nomina de Ianuarius* (...) et non après l'indication de la profession. Il qualifie donc *medicus*».

– A propósito do exercício da profissão: «Il est peu vraisemblable qu'il indique le lieu d'exercice de *Ianuarius: Pax Iulia* [...]. En effet, il est très peu plausible que ce dernier ait été un médecin public de la cité, car, ordinairement, la formulation est beaucoup plus claire» e citam o caso de *P. Frontinius Sciscola* que se identifica como «*medicus c(olonorum) c(oloniae) P(atriciae)*» (CIL II 2348 = HEp 1, 1989, 261 = AE 1986, 356). «Il faut sans doute», argumentam, «plutôt penser que *Ianuarius* a été formé à *Pax Iulia*, où devait exister une «école» de médecine réputée [...]. Formé à *Pax Iulia*, *Ianuarius* se serait installé à Mirobriga à titre privé». Assim se compreende, afirmam, o motivo pelo qual *Ianuarius* pediu ao seu herdeiro que dedicasse a Esculápio uma inscrição em Miróbriga, acrescentando que, para esse efeito, «deixava em testamento ao conselho municipal duma cidade, cujo nome não vem mencionado» uma importância em dinheiro «pour lui permettre d'organiser localement la fête des Quinquatries pour laquelle il a peut-être offert le vin. Le montant de la donation n'a pas été indiqué par l'héritier (souci d'économie?)» (2010: 88). É natural, confessam, que se trate do conselho de Miróbriga, porquanto foi lá que se encontrou a epígrafe; contudo, a ideia de o móbil da sua atitude residir no facto de existir em Miróbriga «un important sanctuaire du dieu, peut-être un centre renommé de pèlerinage», consideram-na «peu probable, car nous n'en avons aucun témoignage». Na sua opinião, a situação era bem outra: «Appartenant aux notables de la cité, le médecin devait avoir des relations suivies avec les membres de l'*ordo* de Mirobriga, notamment parce qu'il devait les soigner» (2010: 89).

– Também o estatuto social de *Ianuarius* é analisado. A frase anterior, aludindo à sua eventual pertença aos notáveis da cidade, já deixa perceber o que a seguir se consagra: é cidadão romano e, como tal, tem os *tria nomina*; acrescentam, no entanto: «Comme ce surnom est courant chez les esclaves (...) – pour indiquer le mois de naissance ou d'entrée en esclavage – il pourrait indiquer une origine servile».

– Quanto ao herdeiro, a circunstância de ter um cognome etimologicamente grego e mui possivelmente relacionado com o culto a Ísis, apontam a possibilidade de ter uma origem servil: «Ce cognomen grec pourrait suggérer une extraction servile d'Isas».

– Finalmente, a datação: «Le nom de la divinité suivi de *Deo* et les duo nomina seconde manière (gentilice + surnom) de l'exécuteur testamentaire pourraient permettre de dater ce texte de la seconde moitié du II^e siècle, voire de l'époque des Sévères».

A versão de Bernard Rémy foi assinalada em HEp 19 2010, sob o nº 551. Sobre Pacensis assinala-se que o mais provável é que signifique não que *Ianuarius* tenha sido o médico oficial de Pax Iulia, «porque, en esos casos, se señala de forma más clara», mas que aí se tenha formado, «donde debía de existir un colegio de médicos reputados», hipótese que totalmente carece de demonstração, uma vez que, sendo assim, o mais natural era que doutros médicos houvesse menção. Amílcar Guerra, em comentário à leitura de Rémy na l. 9, anota que aí «difícilmente caben [sic] el número de caracteres (4) que se conjeturan».

2011 – Ángeles Alonso

María Ángeles Alonso Alonso, em artigo de 2011 sobre os *medici* documentados na epigrafia peninsular, procura fazer o ponto actualizado da situação acerca do que se sabe nesse âmbito e, por isso, por várias vezes refere *Ianuarius* (10).

Assim, começa por justificar a sua opção por ver em *Pacensis* a menção da origo e não a indicação de que se tratasse de um médico contratado por *Pax Iulia* (2011: 88-89 e 96); não duvida que *C. Attius Ianuarius* usufruía «de uma posição social acomodada», atendendo à sua oferta de «una suma de dinero para celebrar unas Quinquatrias en Mirobriga» (2011: 94); procura demonstrar que não estamos perante «motivaciones puramente religiosas, las cuales se ven entremezcladas com el deseo de un médico de perpetuar su recuerdo trás la muerte y de encumbrar socialmente a su heredero» (2011: 96). Daí que explique desta forma o que se passou: «Consideramos que en algún momento de su vida *C. Attius Ianuarius* se desplazó a esta ciudad para ejercer su profesión; su modo de agradecer al consejo mirobriguense la acogida durante su estancia fue la de realizar esta donación que llevó a la práctica de forma póstuma su heredero *Fabius Isas*. Seguramente se trate de un traslado temporal y después volviera a su ciudad natal, capital conventual donde las oportunidades de trabajo serían mayores» (2011: 97).

2. Prolegómenos para algumas conclusões

É natural que, ao fim deste longo percurso, se tome consciência de que importa apresentar conclusões, susceptíveis de nos conduzir por entre o emaranhado de hipóteses que a epígrafe logrou despertar, em plena demonstração do seu real interesse como primordial fonte histórica, não apenas do ponto de vista estritamente religioso mas também no âmbito social, económico e político, como se viu. Razão teve, pois, Herman Dessau em a incluir nas *suas Inscriptiones Latinae Selectae*, ainda que ele próprio se não tivesse preocupado muito com o texto, na altura, de resto, ainda demasiadamente estranho, devido às dificuldades de leitura nas linhas 8 e 9 principalmente.

Comecemos, portanto, por aí, uma vez que dispomos de boa fotografia (vd. **Figura 7.**), que devo à amizade de Guilherme Cardoso. Por seu turno, a meu pedido, Marta González Herrero (da Universidad de Oviedo) solicitou a Mercedes Farjas o aperfeiçoamento técnico, mediante o tratamento digital, da fotografia que lhe enviei, pela aplicação do método criado por Aroa Gutierrez Alonso (11).



Figura 7. Fonte: Guilherme Cardoso.

2.1. A leitura

O facto de a ara ter tido, pelo menos, duas sucessivas reutilizações e, para a primeira, ter sido propositadamente fracturada no sentido longitudinal ao nível das linhas 8 e 9, afectando também o início da linha 10, está na base de todas as dúvidas que surgiram, uma vez que palavras como TESTAMENTO (de que apenas se vê a parte inferior da haste do 1º T) ou FABIVS se reconstituem bem, não havendo, tanto num caso como noutro, possibilidade de existir mais nenhuma letra antes; *Fabius Isas* identifica-se, é seguro, sem *praenomen*.

Na l. 8, é perceptível o vértice superior direito do V; do D não sofre contestação a restituição. Respeitou-se, claramente, uma paginação com alinhamento à esquerda; por conseguinte, há espaço para uma letra antes do V. QVOD parece, pois, assaz verosímil. De seguida, a superfície sofreu maus-tratos; mas EI Q é leitura defensável, inclusive se compararmos com o Q seguinte, cuja cauda é ténue e breve, na horizontal.

Na l. 9, a fractura levou seguramente duas letras antes do V, de que é perceptível pouco menos da metade inferior. Comparando com o DI da l. 7, torna-se sedutora a tentação de reconstituir essas duas letras, o que daria, ligando à linha anterior, QVINQVATRIDIVM. Esse vocábulo dependerá, necessariamente, da forma verbal *praestiterit*, a 3ª pessoa do singular do perfeito do conjuntivo do verbo *praestare*, cujo significado, se atendermos à sua formação etimológica – *prae* + *stare* – pode ser o de «estar diante de», regendo, nesse sentido, o acusativo, caso que se coaduna com uma terminação em *-um*. Bernard Rémy propôs, dubitativamente, *[vin]um*, precedido do ablativo (ou dativo) *quinqvatri(us)*. Não temos, porém, espaço para 4 letras; apenas para 2.

Ora, como se viu, não há solução alternativa: vocábulo iniciado por *Quinquatri-* só o neutro plural *Quinquatria*, que também assumiu a forma, da 4ª declinação, *Quinquatrus*. Trata-se, claramente, da alusão a essas festividades, que se disse durarem cinco dias – de 19 a 23 de

Março – e que os artífices de Roma organizavam em honra de Minerva. A esse propósito, escreveu Marquardt (1890: 167-168): «Le 19 mars, *Quinquatrus*, c'est-à-dire le cinquième jour après les Ides. Une fausse explication de ce mot conduisit avec le temps à faire durer la fête cinq jours; mais aussi à l'origine elle n'en durait qu'un [...]. Mais la fondation du temple de Minerve sur l'Aventin, qui eut lieu le 19 mars [...] fit de ce jour-là une fête des artifices, c'est-à-dire des fileuses et des tisseuses, des foulons, des teinturiers, des cordonniers, des charpentiers, des sculpteurs, des peintres, des médecins, des maîtres d'école, des poètes et aussi des écoliers».

Trata-se, no fundo, de um festival de Primavera, semelhante a muitos que, nas mais diversas religiões, por esta data (o equinócio) celebravam o termo do Inverno e o ressurgir da «vida», após as tristonhas e frias jornadas inverniais.

Não há, por conseguinte, dúvida alguma quanto ao sentido do vocábulo, qualquer que seja a sua terminação: designa uma festividade com a duração de cinco dias. Em Roma, prestava-se culto a Minerva; em Miróbriga, cidade do extremo ocidental do Império, a homenageada foi outra divindade, Esculápio, patrono dos médicos, uma das profissões que Minerva protegia. Aliás, uma inscrição de Roma (CIL VI 10 133 dá-nos a conhecer *Cnaeus Vergilius Epaphroditus*, que vem identificado como *magister odariarius*, a *Minerva medica*! Ora, aí temos o maestro de um coro (*odarium* significa canto) expressamente dedicado à deusa Minerva na sua qualidade de salutífera, de possível taumaturga, para quem, doente de males, a ela devotamente recorria. Plenamente justificado, portanto, o estreito relacionamento entre Minerva e Esculápio, mergulhados ambos no misterioso mundo das curas e da medicina (12).

Se quanto ao sentido não há dúvida, o mesmo se não poderá dizer da reconstituição do vocábulo na epígrafe, ainda que – neste contexto, seja, de facto, uma questão menor, quase... académica! Importa, todavia, apontar, ainda que sob reserva, uma solução: que duas letras se poderão reconstituir no amputado início da linha 9? E, se não houve relutância em celebrar Esculápio com festividades 'usurpadas' a Minerva – e este é, saliente-se, o único documento epigráfico identificado no mundo romano em que expressamente se alude a Quinquatria em honra de uma divindade (13) – quiçá possamos também sugerir que os responsáveis pela execução concreta do que Isas fora encarregado não soubessem exactamente como a palavra se escrevia. Saberiam, porventura, que três dias era *triduum*, quatro *quatrimum*... Nesse caso, cinco dias não poderia ser *quinqutrimum*? Essa é, pois, a minha proposta de reconstituição, que também Sagredo e Crespo adiantaram, sem, no entanto, tecerem sobre o caso qualquer consideração; é *quinqutri[du]m* o que vem em HEpOL 21 100, também sem informação da autoria dessa hipótese.

Assim sendo, antes de apresentar o texto completo, só falta acrescentar uma informação: é que o *ordinator* se esmerou e, sempre que pôde, não hesitou em usar *hederae distinguentes* cordiformes e pecioladas, por vezes quase imperceptíveis, pormenor de que só a excelência da foto de Guilherme Cardoso agora me permitiu aperceber-me.

A leitura interpretada que se propõe é, na sequência das anteriores considerações, como segue:

AESCVLAPIO (*hedera*) / DEO / C(aius) (*hedera*) ATTIVS (*hedera*) IANVARIVS (*hedera*) / MEDICVS PACENSIS / ⁵ [T]ESTAMENTO LEGAVIT / OB MERITA (*hedera*) SPLENDI/DISSIMI ORDINIS (*hedera*) / [QV]OD EI QVINQVATRI/[DV]VM PRAESTITERIT (*hedera*) / [F]ABIVS (*hedera*) ISAS (*hedera*) HERES (*hedera*) / FAC(iendum) (*hedera*) CVR(avit) (*hedera*)

Ao deus Esculápio. Gaius Átio Januário, médico pacense, deixou por testamento, atendendo aos méritos da mui ilustre ordem, por lhe haver proporcionado a presidência das Quinquátrias. Fábio Isas, o herdeiro, mandou fazer.

2.2. Que aconteceu a *Ianuarius*?

Atenhamo-nos, por agora, ao texto da epígrafe e deixemos para depois outros aspectos que foram, ao longo das décadas, motivo de reflexão.

É claro que *Ianuarius* se mostra reconhecido perante a *ordo*. *Ob merita* é expressão corrente nos documentos epigráficos, nomeadamente quando se pretende homenagear alguém por ter exercido funções mui dignamente ou haver manifestado no seu procedimento uma atitude que importa realçar. Neste caso, não é uma pessoa isoladamente, mas a *ordo*, ou seja, quem superintendia na governação político-administrativa da cidade. A possibilidade de se tratar da *ordo decurionum*, a implicar um estatuto municipal para a cidade, foi hipótese já considerada e a esse aspecto se voltará.

Para além de frisar os méritos, *Ianuarius* acrescenta um superlativo *splendidissima*, também ele corrente em epigrafia, sobretudo a partir de determinada altura, para qualificar a classe equestre. Recorda Segolène Demougin (1975) que, se até ao princípio do século II, esse adjectivo facilmente designava o *eques* nos textos literários, em epigrafia, o seu uso foi muito frequente para qualificar cidades (*splendidissima colonia*) ou o corpo dos decuriões (*splendidissimus ordo decurionum*), como sucede aqui. Lembremo-nos de que, em Bobadela (Oliveira do Hospital), há menção de *Iulia Modesta, flaminica prov(inciae) Lusitaniae*, que mandou perpetuar numa epígrafe a informação do presente que ofertara *splendidissimae civitati*. Também neste caso é omitido o nome da *civitas*, mas deduz-se do epíteto que teria estatuto relevante, pois desse epíteto de excelência, aplicado a uma *civitas*, só há na base de dados de Clauss (<http://www.manfredclauss.de/gb/>) um total de 18 testemunhos.

E qual teria sido, então, o mérito da *ordo* para com *Ianuarius*? Uma tradução à letra não é possível, como outras vezes acontece, dado que a linguagem epigráfica é lapidar, sintética. Ei é o dativo de *is*, o pronome demonstrativo (uso a nomenclatura dos tempos em que estudei) «este»; quer significar que a este, a ele foi concedido algo. *Praestiterit* é uma forma do futuro perfeito do verbo *praestare*, como atrás se assinalou. Atribuir a este verbo a noção de «estar diante», o que, na circunstância, equivale, naturalmente, a «presidir», afigura-se-me lógico, pelo que, em meu entender, o que a *ordo* fez foi dar a *Ianuarius, medicus Pacensis*, a honra de presidir às festividades em honra de Esculápio, a sua divindade protectora.

E, em contrapartida, que fez *Ianuarius*? Determinou, no seu testamento, que Isas mandasse lavar um altar de alguma dimensão com o texto alusivo à honra que lhe fora prestada. E Isas assim fez: *faciendum curavit*. Não se explicita o que fez, como, de resto, é mais do que habitual nos textos epigráficos, em que se subentende que o que se mandou fazer foi a placa, o altar, com os respectivos dizeres. Esta não é, como poderia pensar-se de imediato, uma hipótese original. Se relemos com atenção Leite de Vasconcelos, a hipótese já lá está mencionada como sendo a mais natural: «Esta memória, que foi mandada fazer pelo herdeiro Isas, [...] talvez consistisse unicamente na deposição da lápide no templo de Esculápio» (1938: 314). Aliás, em relação ao que teria feito a *ordo* não chegou a apontar a possibilidade da «presidência», mas chegou lá perto quando escreveu: a *ordo* «o obsequiou pelo modo constante das linhas 8ª e 9ª, isto é, não só convidando o médico para a festa, mas porventura agasalhando-o e banquetecendo-o».

Por consequência, nada de dinheiro, nada de vinho, nada de chorudo donativo para garantir a continuidade das festas anuais. Só uma ara imponente, de mais de um metro de altura, com os louvores bem discriminados. Para que doravante constasse. E constou até aos nossos dias. O desejo de *Ianuarius* foi cumprido.

Perguntar-se-á onde teria sido colocada essa ara. Pelas suas dimensões, não parece ter sido destinada a templete e também não a vejo inserida no interior de um templo, mas sim ao ar livre: no fórum da cidade era uma hipótese, a exemplo do que terá acontecido com aras, cipos e, porventura, pedestais, no fórum de Conímbriga, onde se encontraram os vestígios dessa colocação, como, de resto, a maquete que se apresentou no-los mostra; não se me afigura estranho, porém, que ocupasse lugar proeminente no hipódromo, certamente o local onde ocorreriam boa parte dos festejos em honra de Esculápio. Aí todos a veriam e os louvores a *Ianuarius* maiores haveriam de ser.

2.3. A vida de *Ianuarius*

Três questões estão por resolver: quem foi *Ianuarius*? Onde nasceu? Estava moribundo quando lavrou o testamento?

Prende-se a primeira e a segunda questões com a indicação *Pacensis*, que pode ser a menção da *origo* ou a indicação de que se tratava do médico oficial de *Pax Iulia*. Ninguém aventou a possibilidade de *Pacensis* se referir ao *conventus* e não estritamente à cidade sua capital. Caso tal ocorresse, justificar-se-ia a sua deslocação a Santiago do Cacém: como médico oficial, iria aonde o chamassem. Para se obter uma resposta à questão, importará ver como se identificam os outros *medici* registados no conjunto da epigrafia peninsular.

Utilizando como base HEpOL, solicitando exemplos da ocorrência do conjunto *medic*, encontro o seguinte, susceptível de nos interessar neste âmbito (*medicus* + indicação toponímica):

2.3.1. N.º de registo 2534: *M(arcus) Fulvius Icarus Pontuficiensis medicus ocularius*;

2.3.2. N.º de registo 4387: *P(ublius) Frontin(i)us Sciscola medicus c(olonorum) c(oloniae) P(atriciae)*;

2.3.3. N.º de registo 23 224: *Q(uintus) Aponius Rusticus medicus ocular(ius) Patriciensis*;

Atendendo a que se tratava de amostra assaz reduzida para se tirar alguma conclusão, ainda que se pudesse voltar a cada um destes registos, a fim de se verificar a opinião expendida pelos seus editores, decidi consultar EDCS, na busca também de *medic*-. E a recolha deu o seguinte resultado, para casos alheios à *Hispania*:

2.3.4. AE 1972 14 = EDCS-9700002: em Roma, ao lado da Via Latina, num *locus sepulcri*, datado do ano 47 a. C., e destinado a libertos sobretudo da *gens Numitoria*, que Ivan di Stefano minuciosamente estudou em *Epigraphica* (XXXIV, 1972: 106-130), foi sepultado *C(aius) Numitorius C(ai) I(ibertus) Nicanor nationi [sic] Tebaeus medicus ocularius*;

2.3.5. Em CIL III 559 = EDCS-27000435, de Atenas, menciona-se *M(arcus) Acilius Pottinus medicus colonia Bononia* [médico em *colonia Bononia*, actual Bolonha];

2.3.6. CIL III 6203 = EDCS-27800970, de Troesmis, na Mésia, T(itus) Rascanius Fortunatus Pollia Faventia medicus [da tribo Pollia, médico em Faventia, actual Faenza];

2.3.7. por seu turno, CIL V 1910 = EDCS-04200966, de Concordia Sagittaria, da província Venetia et Histria, refere D(ecimus) Sempronius Lucundus medicus Ariminiensis [de Ariminum, cidade da Úmbria];

2.3.8. finalmente, voltando a Roma, CIL VI 9580 = EDCS-19301123, perpetua a identificação de T(itus) Fl(avius) Coelius Severus Sidensis medicus [de Sida, cidade da Panfília];

Mais completa agora, a amostra é significativa e clara: para indicar a origo, o qualificativo precede a palavra; para marcar a relação 'profissional', o qualificativo vem depois. Este é, portanto, o nosso caso: lanuarius era médico da cidade de Pax Iulia. A possibilidade de ser de todo o *conventus* não se encara, por não estar documentada e, também, por não ser razoável.

Fica igualmente claro que se deslocou a Santiago do Cacém e – perante o que se lê na epígrafe, cujo texto terá, eventualmente, ditado ao seu herdeiro ou foi por este concebido atendendo ao que ocorrera – o mais normal é pensar que ali foi a convite da ordo e não para exercício da profissão. A referência a «curas milagrosas» operadas por ele, com ou sem a directa intervenção de Esculápio, afigura-se-me, conseqüentemente, despropositada, até porque, na maior parte dos casos, se parte da ideia da existência, em Santiago do Cacém, de águas termais, o que, como se sabe, não corresponde à realidade.

Se o testamento foi ditado *in articulo mortis*, como se diz na liturgia cristã, ou «moribundo», como Ceballos opinou, afigura-se-me fantasia, porque o habitual era fazer-se testamento em vida, no uso pleno das suas faculdades, mormente estando em causa a nomeação de herdeiros escravos, uma vez que, amiúde, a execução de uma cláusula testamentária era condição *sine qua non* para se obter a liberdade. Em meu entender, isso poderia ter-se passado em relação a Isas, ainda que não seja liberto de *lanuarius*, dado que não detém o seu gentílico.

Aproveite-se o ensejo para referir que, no *conventus Pacensis*, o *nomen Attius* surge, mui provavelmente, para identificar um dos promotores do mosaico do Oceano, de Faro, L. Att[ius] (IRCP 35); na mesma área, o epitáfio de L. Attius Nisus regista uma fórmula que é única na Lusitania: *hoc misolio [sic] sub ascia est* (IRCP 16); há, em Tróia, um L. Attius Helvianus (IRCP 208); e achou-se nos arredores de Elvas a placa funerária de Q. Attius Rusticus, que, por ter estado inscrito na tribo *Sergia*, se deverá incluir entre os cidadãos emeritenses. Quanto a *Fabius*, a sua presença no mesmo *conventus* também é escassa e não se regista entre os monumentos epigráficos da cidade de Pax Iulia: M. Fabius Myrtilus integra, em Faro, uma lista de personalidades que homenageiam um notável municipal (IRCP 10); no conjunto epigráfico de Évora temos L. Fabius Valerianus (IRCP 395); e na necrópole de Silveirona (Estremoz) se sepultou Q. Fabius Tryphon Argyrius (IRCP 450).

Se *lanuarius* era, ou não, um liberto, a minha opinião é pela afirmativa, com base no argumento de que a maior parte dos *medici* atestados nos documentos epigráficos detém essa condição social. Vários foram, por exemplo, sêxviros – e ao colégio dos sêxviros só pertenciam libertos. E – embora não se possa garantir que o antropónimo *lanuarius* é exclusivo de escravos e libertos, o certo é que se considera relacionável com o mês em que ocorreu a libertação. Em Conimbriga, P. Aelius *lanuarius* é declarado *Augustorum libertus* (Fouilles II nº 26: 53-54) e Charito pertence a *lanuarius Caesaris nostri familia* (1976: 75, nº 48). Em HEpOL nº 1811 transcreve-se CIL II 5389, o epitáfio do *medicus lanuarius, servus* de D(omitius?) Perca, proveniente de Villafranca de los Barros (Badajoz). Segundo a pesquisa de Kajanto (1965: 218-219), dos 1120 testemunhos masculinos deste nome, registados em todo o CIL, 120 identificam escravos ou libertos, tendo sido encontrados em África 637 dos 1854 indivíduos

assim denominados, entre homens e mulheres. Kajanto, seguindo R. Mowat, assinala o facto de, em África, ser este um nome de bom agoiro, por indicar o começo do ano; daí, a preferência pela sua escolha.

Em conclusão: nada poderá adiantar-se acerca da naturalidade de *lanuarius*, uma vez que tanto o seu gentílico como o do seu herdeiro não são dominantes nem sequer significativos no horizonte do *conventus Pacensis* e da própria Lusitânia. Se atendêssemos ao que Kajanto verificou acerca da frequência africana do *cognomen lanuarius*, seríamos tentados a atribuir-lhe uma origem africana, a juntar-se a outros habitantes de *Pax Iulia* que suspeitamos terem, de facto, essa origem. Nada, contudo, nos é possível garantir.

3. Mirobriga e a *interpretatio*

O facto de ao teónimo *Aesculapius* se ter acrescentado o qualificativo *deus* tem sido interpretado como indício de *interpretatio*, isto é, teria havido prévio culto a uma divindade indígena que as gentes pouco a pouco assimilaram à divindade do colonizador. Foi Scarlat Lambrino quem, em texto publicado postumamente, em 1965, expressamente o assinalou: «Enfin, selon la coutume provinciale, on faisait accompagner le nom d'un dieu indigène par le terme de *deus* ou *dea* (*deus Eaecus* ou *dea Ataecina*). Ce terme devait, sans doute, garder cette valeur même quand il était placé à côté d'un nom d'une divinité gréco-romaine. On doit donc considérer comme indigènes ou plutôt comme représentant un dieu indigène *Aesculapius-Asclepius*, *Apollo*, *Eventus*, *Jupiter*, *Mars*, *Mercurius*, *Silvanus*, qui apparaissent parfois ornés du titre, d'ailleurs inutile, de *deus*: *deus Apollo*, *deus Mars*, etc.» (1965: 226).

Creio ter lido que, ainda em 1964 (faleceu a 30 de Agosto de 1964), Lambrino terá atenuado um pouco essa tese, mas não o terá deixado escrito. Certo é que, em 1973, Robert Étienne, ao explicar o percurso dos sincretismos religiosos, aponta como segunda fase da *interpretatio romana* a junção do teónimo indígena ao teónimo latino (*Cosus Mars*), para, depois, o nome indígena desaparecer e ser substituído por *deus* «et *deus Mars* par sa tautologie dénonce bien une origine indigène, pour laisser triompher Mars, non pas toujours le dieu guerrier mais une divinité agricole combattant la grêle et l'inondation» (1973: 155).

Jorge de Alarcão não hesitou em identificar o sítio com a Miróbriga dos Célticos e a atribuir-lhe, inclusive, estatuto municipal (2005: 303; 2008: 103-107). As escavações aí levadas a efeito por William R. Biers e a sua equipa debruçaram-se sobre a ocupação durante a Idade do Ferro (1988); ou seja, houve, na verdade, uma ocupação pré-romana e a população poderia, por isso, ter venerado os seus próprios deuses.

Ocorrem, porém, duas realidades: não há aí nenhum ex-voto a divindades indígenas; e não persiste na documentação epigráfica nenhum resquício de onomástica indígena.

À primeira vista, a impressão que se tem é a de que vieram os colonos, instalaram-se e instalaram os seus cultos: a Vénus, a *Venus Victrix*, a Esculápio, a Marte... Tudo divindades do mais notável panteão romano! E as gentes – *Agria*, *Castricia*, *Cocilicia*, *Flavia*, *Iulia*, *Lucilia*, *Munia*, *Norbana*, *Pagusica*, *Porcia*, *Scribonia*, *Valeria* – não indiciam traços de 'indigenismo' (14). Apenas *Gaius Agrius Rufus*, que foi *adlectus Italicensis*, apresenta a filiação à maneira indígena, com o genitivo paterno (*Silonis*), inclusive sem a menção *f(i)lius* (IRCP 151).

Vejamos, por outro lado, as dedicatórias a Esculápio no mundo romano patentes em EDCS. O deus aparece venerado sozinho, frequentemente acompanhado de *Hygia*, identificado com o culto imperial pela junção do epíteto *Augustus*, e acabam por ser significativas as vezes que

nos deparamos com a expressão ao deus Esculápio, nos mais diversos ambientes, mormente naqueles onde não parece haver qualquer indício de 'indigenismo'. Se não, vejamos o rol que logrei coligir:

3.1. Em Roma (CIL VI 2 = EDCS-17200096), o pretoriano e veterano M(arcus) Aurelius Venustus ofereceu (*donum dedit*) uma epígrafe *Aesculapio deo*; CIL VI 10 (= EDCS-17700084) começa assim: *Deo Aescul(apio) / Sep(timius) Martinus / et Plaetoria / Ianuaria / pro Septimia / Martina / alumna*; e *Silius Sabinus deo Aescu(lapio) / d(onum) d(edit)* (CIL VI 11 =EDCS-17200131).

3.2. Na cidade de Vazi Sarra (actual Hemchir-Bez), na *Africa Proconsularis*, o *flamen perpetuus* e sacerdote Mercuri, P(ublius) Opstorius Saturninus manda fazer, em 212, pela saúde do imperador Caracala, «*aedem Aesculapio deo promissam*» (CIL VIII 12006 = EDCS-23400833). E o mesmo verosimilmente empreende, em louvor de *Iulia Augusta*, também *Aesculapio deo* (CIL VIII 12007 = EDCS-23400834). Poderá imaginar-se cenário mais... oficial e romano?!

3.3. Em Lebena (actual Levin, em Creta): o senador *Quintus Fulvius Tuscus parietem de suo marmoravit*, como prenda *Deo Aesculapio*.

3.4. Em Riez (*Gallia Narbonensis*), a vultosa e bem preciosa oferta *Deo Aesculapio*, de Symphorus et Protis (CIL XII 354 = EDCS-08400934).

3.5. E em *Valentia*, na *Hispania Citerior*, *L(ucius) Cornelius Hyginus, sevir Augustalis*, faz também uma dedicatória *Asclepio / deo* (CIL II 3726, CIL 2II/14 2, EDCS-09100002).

Justo é, pois, que, perante estes exemplos e atendendo ao que atrás se disse acerca da ausência de culto a divindades indígenas e de onomástica etimologicamente indígena, se considere que o vocábulo *deus* aplicado a Esculápio não constitui testemunho de *interpretatio*. É o Esculápio verdadeiro, o deus romano da Medicina, sem que outro númen o haja aqui precedido.

4. Conclusão: foi *Ianuarius* um devoto ou um interesseiro?

Os investigadores que se têm debruçado sobre os mecanismos da promoção social no mundo romano não hesitaram, como se teve ocasião de ver, em apontar *Ianuarius* como mais um dos que da religião se serviram para obter benesses para si e para os seus.

Assim, o facto de haver delegado no herdeiro a missão de mandar erigir o altar teria funcionado como oportuno estratagema para, de certo modo, o introduzir no escol da cidade, louvado pela benemerência que, embora por determinação testamentária, levava a cabo para prestígio da *ordo* e da sua iniciativa em organizar tão solenes festividades em honra a Esculápio. Aliás, o uso do superlativo *splendidissimus* não era assim tão corrente (15) e seria bafejante louvor para os Mirobrigenses. Isas terá, por isso, granjeado a estima e a admiração de todos – e isso lhe trouxe, naturalmente, benefícios.

É bem conhecida a multimilenar aliança entre o poder (político e económico) e as manifestações religiosas. Será sempre difícil discernir onde acaba um e começam as outras. Hesito, pois, em optar. Em todo o caso, seja-me permitido pensar que *Ianuarius* já adquirira prestígio bastante e que o seu gesto foi mais impregnado de religiosidade do que de ambição político-social. Isso não impede, porém, que se diga, em relação a *Fabius Isas*, que teve aqui uma excelente oportunidade. E não a desperdiçou!

NOTAS

(1) Dos autores citados se darão, na bibliografia final, referências mais precisas, que ora se omitem, porque desnecessárias no contexto e porque se corria o risco de obrigar a leitor a escusadas paragens na frase.

(2) Ainda que se não saiba quando Frei Manuel do Cenáculo fez os desenhos das antiguidades que ia encontrando, creio que deverá incluir-se nesta passagem do século XVIII para o XIX o seu valioso contributo gráfico sobre, nomeadamente, epígrafes, constante dos manuscritos guardados na Biblioteca Pública de Évora. Pelo seu interesse, reproduz-se na Figura 5. o desenho da epígrafe que estamos a estudar.

(3) Daqui passará para AE 1927 164, onde, além de se referir que fora mal publicada por Hübner, se dá (erradamente) como proveniência *Pax Iulia*, dados que foram reproduzidos por Gummerus (1932: 83-84, nº 321).

(4) Na monografia publicada em 1964, D. Fernando de Almeida nada adianta em relação ao que escrevera pouco antes, no que concerne à interpretação da epígrafe.

(5) José Manuel Garcia faz-se eco desta interpretação (1991: 369, nº 231).

(6) É natural que se trate de lapso de revisão: o autor queria dizer «testamento».

(7) No simpósio de 1992, cujas actas se publicaram em 1995, Blázquez Martínez limita-se a informar de novo que estamos perante «um caso de sincretismo religioso» (p. 53). E também em 2001, página 167, a referência é idêntica.

(8) Aproveite-se para assinalar que, no mapa de localização inserto na p. 364, Mirobriga está colocada demasiado a sul.

(9) Agradeço penhoradamente a Bernard Rémy o cuidado em me fazer chegar essas três páginas por correio electrónico. A sua interpretação foi adoptada em EDCS-05500021.

(10) No *corpus* que apresenta, a inscrição de Santiago do Cacém tem o nº 14 na p. 102 e o nº 15 na página 104, discrepância devida à inclusão de última hora de *C. Heius Nothus*, que não figura no *corpus*.

(11) Não surtiu grande efeito para o que mais directamente interessava: o começo da l. 8; o facto é que parte das letras havia desaparecido com a fractura. No entanto, afigura-se-me que tornou mais verosímil a interpretação que se apresenta. A aplicação do método preconizado por Aroa Gutierrez Alonso – e cujas fases se dão em anexo – foi feita neste caso pela própria Aroa Gutierrez em colaboração com Mercedes Farjas Abadía e José Antonio Domínguez Gómez.

(12) ROSCHER, s. v. «Minerva» (II.2. 2985-2989) fala da festa e das qualidades médicas de Minerva, sobretudo na p. 2989, a este propósito.

(13) Na base de dados de Clauss (ECDS = Epigraphische Datenbank Clauss – Slaby), disponível na WWW:<URL:<http://www.manfredclauss.de/gb/>>, a palavra apenas é referida nos *Fasti*, ou seja, no rol das festividades anuais. Regista-se, aparentado com ele, o antropónimo *Quinquatralis*, tendo sido célebre, porque bastante documentado, o oleiro de Roma, *Claudius Quinquatralis*, cujo escravo *Epagathus* «assinou» muitos *opera doliaria*. É falsa a epígrafe, dada como proveniente de *Iliberris* (Granada), onde se aludiria à pretensa colocação de uma

estátua diante do templo de Minerva no 2º dia das Quinquátrias: [...] *ante aed(em) Miner(vae) solemni quinquatr(ium) die II* – CIL II 187* = CIL II²/5 29* (p. 166). A título de curiosidade, assinale-se que, nos autores clássicos, também não são muitas as referências a estas festividades: Horácio, *Epistulae* 2, 2, 197 (*Quinquatribus*); Ovídio, nos *Fastos*, *Quinquatrus* em duas passagens: 6, 651 e 6, 694; Tácito, nos *Anais*, também em duas ocasiões: 14, 4, 1 (*Quinquatruum*) e 14, 12, 1 (*Quinquatrus*); Juvenal, nas *Sátiras*, 10, 115 ([...] *totis quinquatribus optat quisquis adhuc uno parcam colit asse Mineruam* [...]), frase que arrisco a traduzir assim «até agora, em todas as Quinquátrias houve sempre alguém que prestou culto à parca Minerva com um asse apenas»).

(14) Passe o termo não vernáculo, que se adoptou para enunciar a qualidade de indígena.

(15) Dos 34 testemunhos registados em HEpOL, além deste e do de Bobadela, só temos mais dois na Lusitânia: um Oliva de Plasencia (registo nº 19 012) e outro em Mérida (registo nº 20 026).

ANEXO

Publica-se o relatório elaborado pela equipa constituída por Aroa Gutierrez Alonso, Mercedes Farjas Abadía e José Antonio Domínguez Gómez, dentro do projecto HAR2015-65649-C2-2-P (MINECO/FEDER) e do projecto S2015/HUM-3377 (CAM/FEDER).

A metodologia aplicada fora proposta na tese de doutoramento (E. T. S. I.) em Topografia, Geodesia e Cartografia (UPM) de Aroa Gutiérrez Alonso, defendida em 2017, disponível na WWW: <URL: <http://oa.upm.es/47745/>> e que tem por título Representación Morfométrica de Grabados y Petroglifos: Nuevas Tecnologías y Procesos en el Tratamiento Digital de Imágenes RGB.

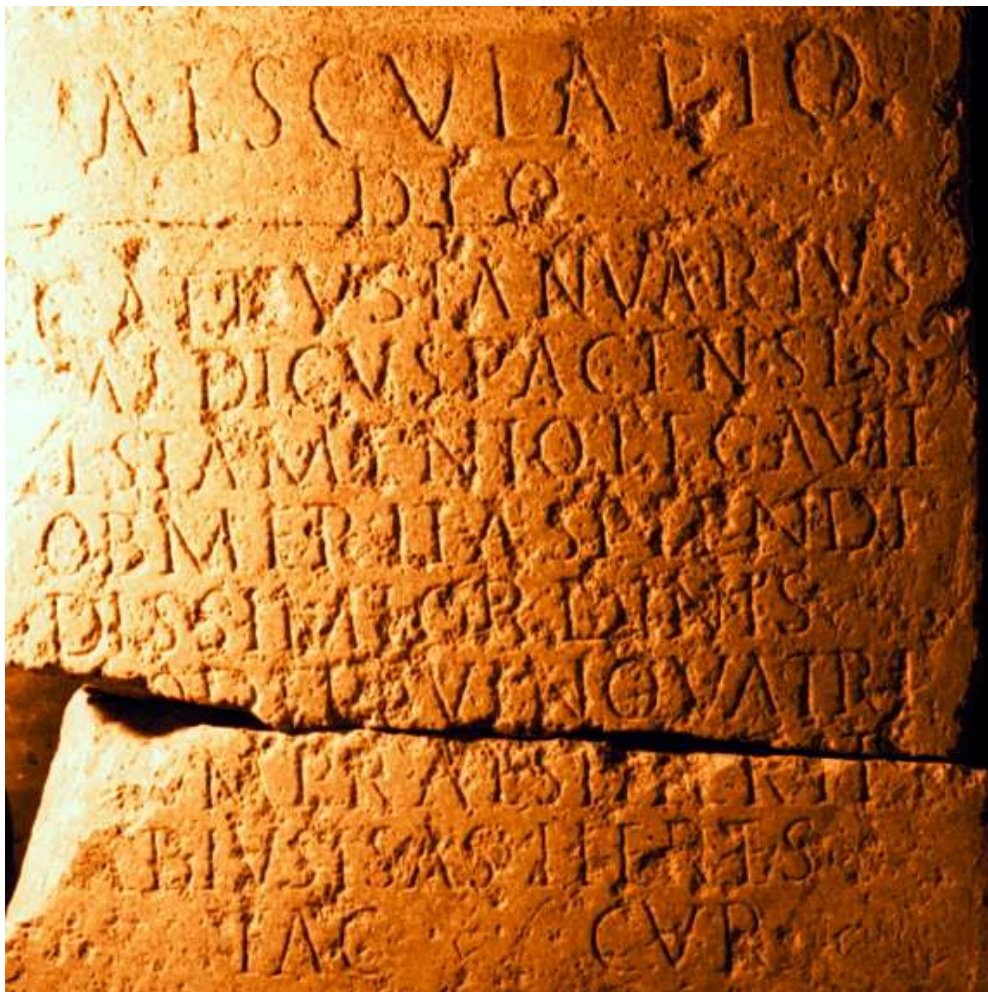
Outros sítios que podem consultar-se:

WWW:<URL: <http://oa.upm.es/view/institution/Topografia/>>

WWW:<URL:<https://doi.org/10.20868/UPM.thesis.47745>>

WWW:<URL: <https://doi.org/10.20868/UPM.thesis.47745>>

Se cree que en las últimas líneas pone
[---]JOD EI [---]VINQVATRI / [---]VM PRAESTITERIT

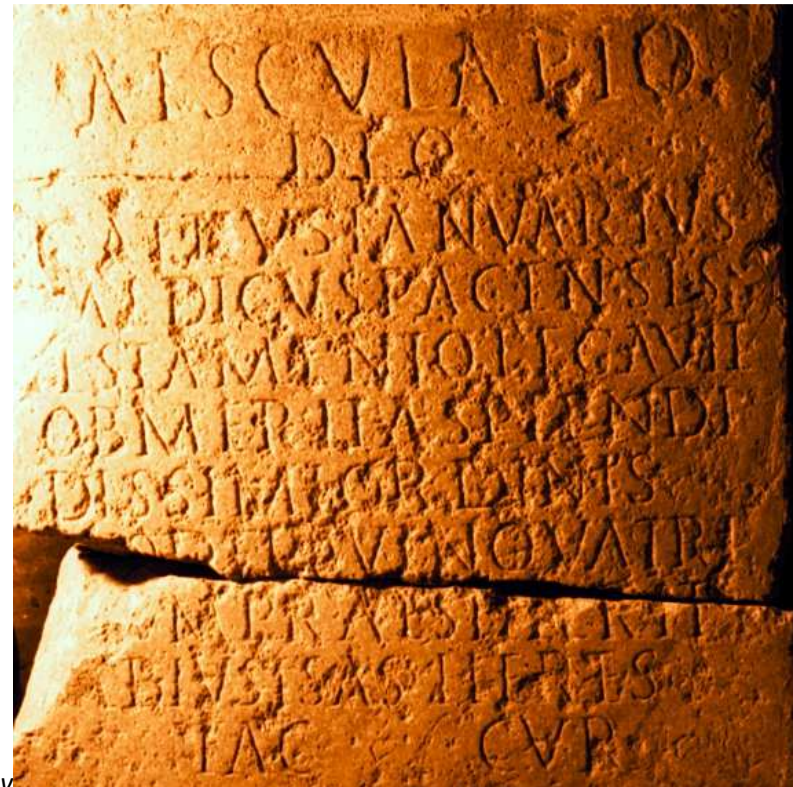


Tratamientos digitales realizados: Se realizó el tratamiento digital compuesto por un filtro de convolución de paso bajo, dada la planeidad de la pieza, un filtro de texturas co-ocurrence, trabajando con una imagen original tipo JPEG en escala de grises. Se trabajó en escala de grises y también con algunas composiciones de falso color jugando con las bandas de la imagen, ya que aportan una mejor visualización de la epigrafía. Posteriormente se realizó la aplicación del algoritmo Mixband (algoritmo propio). En este epígrafe, se obtuvieron pocos resultados en falso color debido a la homogeneidad de la imagen, aunque no por ello menos significativas, sino que se obtuvieron resultados en escala de grises. Posteriormente, se realizaron pruebas experimentales con otro filtro; el Dstrech, Para el presente informe, se han seleccionado las imágenes resultantes más relevantes, que permiten una mayor visibilidad de la grafología del epígrafe.

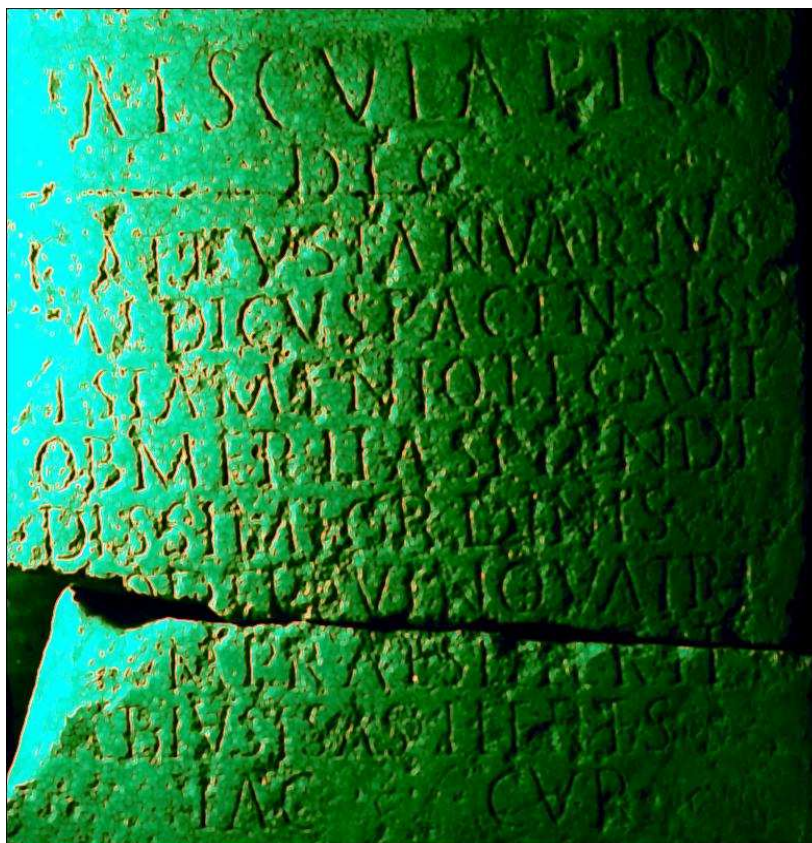
Primeras conclusiones: Respecto a los filtros aplicados se obtuvieron buenos resultados esperados en la aplicación de filtros y la aplicación de Dstrech, Sin embargo, el filtro de textura obtiene buenos resultados en cuando a calidad y detalle del epígrafe y también los resultados de la aplicación metodológica completos, es decir la obtención del modelo Band Math, pese a trabajar con escala de grises, debido a que dificulta al ojo humano distinguir entre diferentes niveles de gris. En cuanto a los requerimientos de interpretación, será el investigador epigrafista el que determine si los resultados son concluyentes, teniendo en cuenta, que la rotura de un epígrafe es irrecuperable.



Filtro de Convolución y morfología, realizado con paso bajo



Filtro de Texturas co-ocurrencia.



Filtro de Texturas co-ocurrence. Composición falso color.



Filtro de Texturas co-ocurrence, mean rojo



Filtro de Texturas co-ocurrence, mean verde

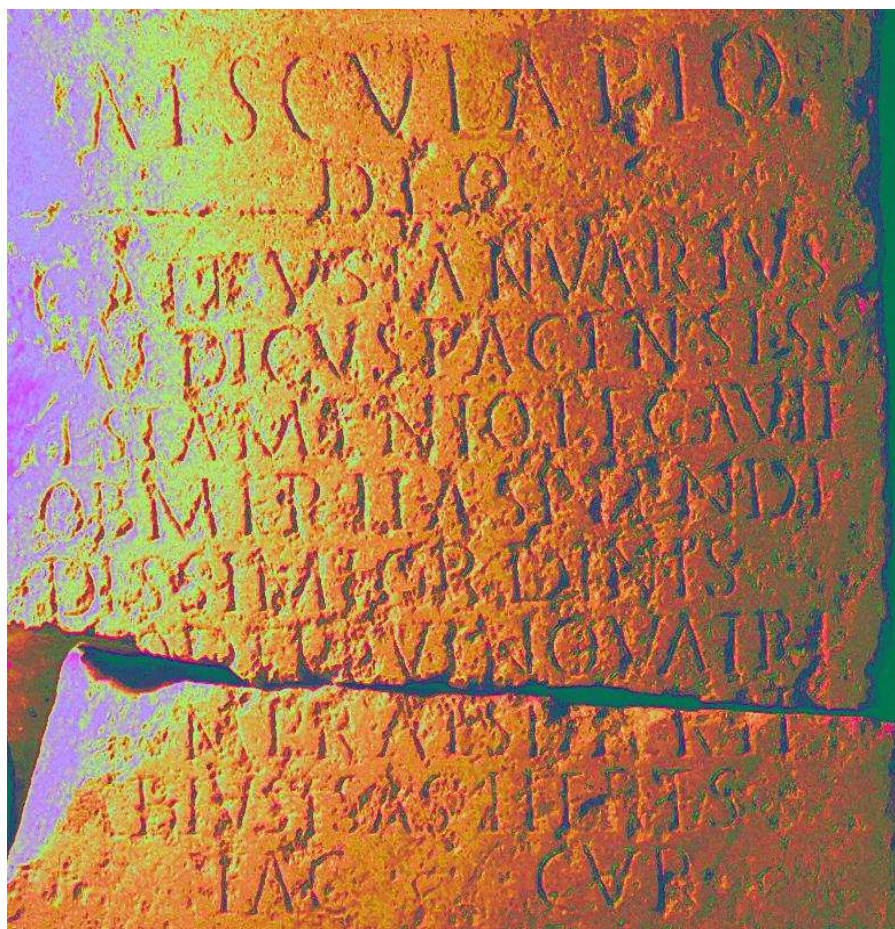


Filtro de Texturas co-ocurrence, mean azul

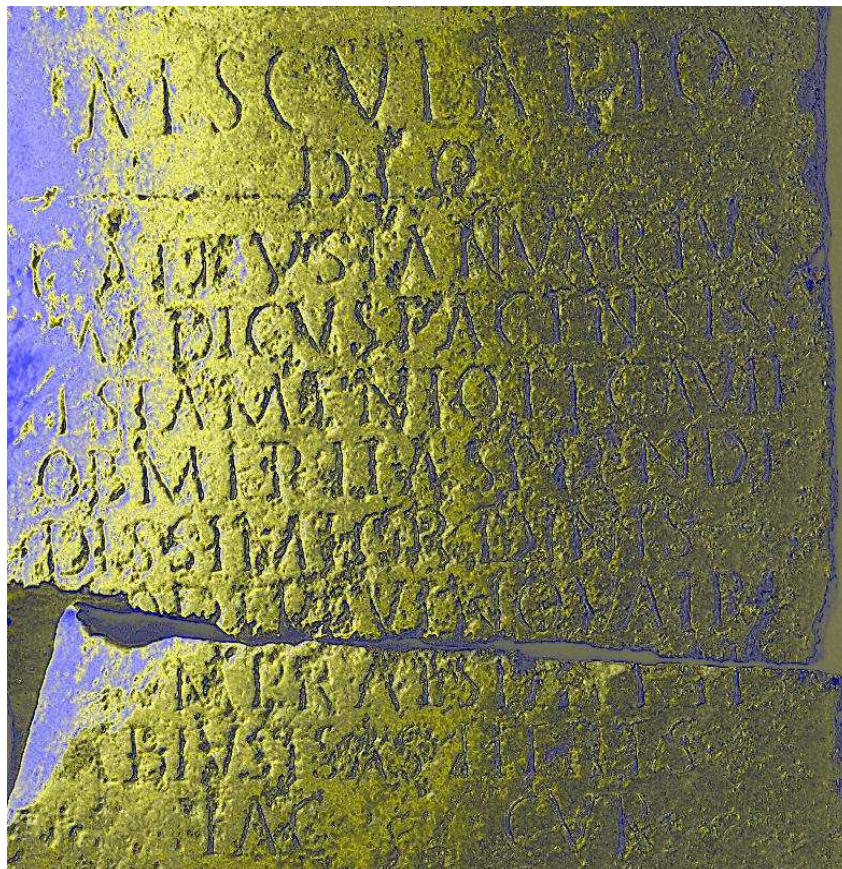


Aplicación del Algoritmo **MixBand**, con la opción **BandMath** de **Envi**

Aplicación de la metodología **Dstrech**:



Aplicación de **Dstrech** en color.



Dstrech composición en falso color

BIBLIOGRAFIA

ABASCAL, Juan Manuel; CEBRIÁN, Rosário - **Los Viajes de José Cornide por España y Portugal de 1754 a 1801**. Madrid: Real Academia de la Historia, 2009.

ABRANTES, Marquês de (D. Rodrigo Annes de Sá Almeida e Meneses) - Notícias da Conferencia, que a Academia Real da Historia Portugueza fez em 31 de Julho de 1721. **Consta da Colecçam dos Documentos, Estatutos, e Memorias da Academia Real da Historia Portugueza**. Lisboa Occidental, vol. I, 1721. A referência à epígrafe vem na f. 302 (frente e verso).

ALARCÃO, Jorge - **Portugal Romano**. Lisboa: Editorial Verbo, ¹1973, ²1983.

ALARCÃO, Jorge - Notas de Arqueologia, epigrafia e toponímia – III. **Revista Portuguesa de Arqueologia**, 8/2, 2005, p. 293-311.

ALARCÃO, Jorge de - Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia – V. **Revista Portuguesa de Arqueologia**. Vol. 11, nº 1, 2008, p. 103-121.

ALMEIDA, D. Fernando de - Breve noticia sobre o santuario campestre de Miróbriga dos Célticos (Portugal). **Anexos de Gerión I**. Madrid: Universidad Complutense. 1988, p. 19-33. [Trata-se da reprodução do texto publicado no vol. V da Homenaje a García y Bellido, p. 19-33].

ALMEIDA, D. Fernando de - Notas sobre os restos do circo romano de Miróbriga dos célticos (Santiago do Cacém). **Revista de Guimarães**. 73(1-2), 1963, p. 147-154.

ALMEIDA, D. Fernando de - **Ruínas de Miróbriga dos Célticos**. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal, 1964.

ALMEIDA, Fernando de – **Ruínas de Miróbriga dos Célticos**. Setúbal. 1964.

ALONSO ALONSO, María Ángeles - Los medici en la epigrafía de la Hispania romana. **Veleia**. 28, 2011, p. 83-107.

ANDREU PINTADO, Javier - Augustalidad, sevirato y evergetismo; aproximación a la promoción social de los libertos en Lusitania. **Vipasca**. 7, 1998, p. 43-50.

ANDREU PINTADO, Javier - Munificentia y munificentes. Riqueza y manifestaciones de riqueza de las élites en la provincia Lusitania. **Économie et territoire en Lusitanie romaine**, p. 458-471.

BARATA, Maria Filomena - O hipódromo ou circo de Miróbriga. In NOGALES BASARRATE, Trinidad; SÁNCHEZ-PALENCIA, Francisco Javier **El Circo en Hispania Romana**. Mérida, 2001, p. 117-124.

BIERS, William R. - **Mirobriga. Investigations at an Iron Age and Roman site in Southern Portugal by the University of Missouri – Columbia (1981-1986)**. Oxford: British Archaeological Reports, 1988.

BLÁZQUEZ, José María; GARCÍA-GELABERT, M. P. - Nuevas aportaciones a las religiones primitivas de Hispania. Espacio Tiempo y Forma – série II – **Historia Antigua**. I, 1988, p. 153-183.

BLÁZQUEZ, José María - Algunos dioses hispanos en inscripciones rupestres. In RODRÍGUEZ COLMENERO y GASPERINI, Lidio, *Saxa scripta – Actas del Simposio Ibero-Itálico sobre Epigrafía Rupestre*. **Anejos de Larouco 2**, A Coruña, 1995, p. 47-59.

BLÁZQUEZ, José María - **Religiones, ritos y creencias funerarias en la Hispania prerromana**. Madrid, 2001.

CEBALLOS HORNERO, Alberto - Los espectáculos en la Hispania romana: la documentación epigráfica. **Cuadernos Emeritenses**. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, 26, Tomo I, 2004.

CIL II = HÜBNER, Emílio - **Corpus Inscriptionum Latinarum – II**. Berlim, 1869. Suplemento, 1892.

CIL II²/5 = STYLOW, Armin U. [et al.] - **Corpus Inscriptionum Latinarum – II²/5 – Coinventus Astigitanus**. Berlim: De Gruyter, 1998.

CRESPO ORTIZ DE ZÁRATE, Santos; SAGREDO SAN EUSTAQUIO, Luis - Las profesiones en la sociedad de Hispania romana. **Hispania Antiqua**. 6, 1976, p. 53-78.

DEMOUGIN, Segolène - Splendidus eques Romanus. **Epigraphica XXXVII**, 1975, p. 174-187.

ENCARNAÇÃO, José d' - Acerca do culto às divindades salutíferas na Lusitânia ocidental. Comunicação apresentada, a 26 de Outubro de 2016, no Congresso de História das Ciências da Saúde – *Phármakon – Do combate da enfermidade à invenção da imortalidade, realizado no Museu da Farmácia de Lisboa* (no prelo).

ENCARNAÇÃO, José d' - Recensão a RODRÍGUEZ CORTÉS, Juana. **Sociedad y Religión Clásica en la Bética Romana**. Salamanca, 1991: Conimbriga 30 1991 182-186.

ÉTIENNE, Robert - Les syncrétismes religieux dans la Péninsule Ibérique à l'époque impériale. In **Les Syncrétismes dans les Religions Grecque et Romaine**. Paris, 1973, p. 153-163.

ÉTIENNE, Robert - Recensão à obra de Julio Mangas sobre escravos e libertos. In **Archivo Español de Arqueología**. 49, 1976, p. 211-224.

FARLAND, H. Stanley, Jr. - Geographical Mobility in Roman Lusitania: An Epigraphical Perspective. **Zeitschrift Für Papyrologie und Epigraphik**. 82, 1990, p. 249-269.

GARCIA, José Manuel - **Religiões Antigas de Portugal**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda), 1991.

GUMMERUS, Herman Gregorius - **Der Ärztstand im Römischen Reiche nach den Inschriften**. Helsinki, 1932.

HÜBNER, Emílio - **Noticias Archeologicas de Portugal**. Lisboa, 1871. [Tradução de A. S., por ordem da Academia Real das Ciências de Lisboa].

ILER = VIVES, José - **Inscripciones Latinas de la España Romana**. Barcelona, 1971 e 1972.

ILS 6903 = DESSAU, Hermann - **Inscriptiones Latinae Selectae**. vol. II, pars I, Berlim, 1949, p. 686, inscrição nº 6903. [A 1ª edição dos dois volumes desta obra data de 1892 e 1916, respectivamente; houve uma reedição em Dublin/Zurique, datada de 1974].

JORDÃO, Levy Maria - **Portugalliae Inscriptiones Romanae**. vol. I, Lisboa, 1859.

KAJANTO, Liro - **The Latin Cognomina**. Helsinki, 1965 [Roma, 1982 (reimp.)].

LAMBRINO, Scarlat - **Le dieu lusitanien Endovellicus**. **Bulletin des Études Portugaises et de l'Institut Français au Portugal**. nova série, XV, 1951, p. 93-146.

LAMBRINO, Scarlat - Les cultes indigènes en Espagne sous Trajan et Hadrien. Les Empereurs Romains d'Espagne. **Actes du Colloque International sur les Empereurs Romains d'Espagne – Madrid, 1964**. Paris, 1965, p. 223-242.

LUZÓN NOGUÉ, José M. - **Espectáculos públicos en las ciudades hispanorromanas. En el año de Trajano**. **Hispania. El legado de Roma**. Saragoça, 1998, p. 239-248.

MANGAS, Julio - Esclavos y Libertos en la España Romana. **Acta Salamanticensia**. 62, Salamanca, 1971.

MANTAS, Vasco Gil - Dies Festi. Festividades romanas na época imperial. **Turres Veteras**. VIII. História das Festas. Torres Vedras, 2006, p. 31-55.

MANTAS, Vasco Gil - Na mira da perfeição das artes e dos homens: Apollo e seu filho Aesculapius. In RIBEIRO, José Cardim [coord.] **Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa**. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 2002, p. 125-130.

MARQUARDT, Joachim - **Le Culte Chez les Romains**. Paris, I 1889, II 1890.

MASDEU, D. Juan Francisco de - **Historia Crítica de España, y de la cultura Española en todo genero, escrita en italiano por [Masdeu] y traducida al idioma español por N. N.** Madrid, vol. VI, p. 162 e 824.

MURATORI, Ludovico Antonio - **Novus Thesaurus veterum inscriptionum, in praecipuis earumdem collectionibus hactenus praetermissarum**, Milão [Ex Aedibus Palatinis], vol. 1, 1739, p. 5.

OLIVEIRA, Francisco de - Recensão a IRCP. In **Humanitas**. 37-38, 1986, p. 338-344.

ORS, Álvaro d' - **1953: Epigrafía Jurídica de la España Romana**. Madrid, 1953.

RÉMY, Bernard - Les inscriptions de médecins dans les provinces romaines de la Péninsule Ibérique. **Revue des Études Anciennes**, 93, (3-4), 1991, p. 321-364. [Reunirá no livro *Les Médecins dans l'Occident romain: Péninsule Ibérique, Bretagne, Gaules, Germanies*, que elaborou com FAURE (Patrice), AUSONIUS Publications: Scripta antiqua 27, Ausonius, Pessac / Diffusion de Boccard, Paris, 2010, os estudos feitos anteriormente; esta epígrafe detém aí o nº 1, p. 87-89].

RIGATO, Daniela - Gli dei che guariscono. **Asclepio e gli altri**. Bologna: Pàtron Editore, 2013.

RODRÍGUEZ NEILA, Juan Francisco - **Medicus colonorum, los médicos oficiales de las ciudades en época romana**. Trabalho Científico de la Universidad de Córdoba, nº 14, 1977.

ROSCHER, Wilhelm Heinrich - **Lexicon der Grieschischen und Römischen Mythologie**. Hildesheim, 1965.

SILVA, João Gualberto da Cruz e - Apontamentos e considerações sobre as pesquisas arqueológicas realizadas desde 1922 nos concelhos de S. Tiago de Cacém, Sines e Odemira. **Arquivo de Beja**, III (3-4), Jul.-Dez., 1946, p. 336-351.

VASCONCELOS, José Leite de - **Religiões da Lusitânia**. III, Lisboa, 1913.

VASCONCELOS, José Leite de - **Medicina dos Lusitanos**. Faculdade de Medicina de Lisboa, 1925. [Foi feita, em Outubro de 2008, uma edição aumentada, com introdução de Maria do Sameiro Barroso, pela Secção de História da Sociedade de Medicina da Sociedade de Geografia de Lisboa, em colaboração com o Museu Nacional de Arqueologia].

VASCONCELOS, José Leite de - **Opúsculos**, V, 1938, p. 310 e 312-313.

VÁZQUEZ HOYS, Ana María - La serpiente en las fuentes epigráficas hispanas. In LE BOHEC, Y. (coord.) **L'Afrique, la Gaule, la Religion à l'Époque Romaine (Mélanges à la mémoire de Marcel Le Glay)**. Bruxelas, 1994, p. 568-582.

DOCUMENTOS ELETRÓNICOS

ECDS = Epigraphik-Datenbank Claus-Slaby. [Em linha]. [Consultado a 12 de Maio de 2017] Disponível na WWW: <URL: <http://www.manfredclaus.de/gb/> >

ENCARNAÇÃO, José d' - A religião não-oficial nas colónias e municípios da Lusitânia durante o Alto Império». [Em linha]. **Memórias de Historia Antigua** 5 1981 19-31. . [Consultado a 10 de Maio de 2017]. Disponível na WWW: <URL: <http://hdl.handle.net/10316/10501> >

ENCARNAÇÃO, José d' - Arqueologia e Epigrafia: uma complementaridade a potenciar. [Em linha]. **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**. 33 (1-2), 1993, p. 313-327. [Consultado a 15 de Maio de 2017] Disponível na WWW: <URL: <http://hdl.handle.net/10316/28710> >

IRCP = ENCARNAÇÃO, José d' - Inscrições Romanas do Conventus Pacensis (Subsídios para o Estudo da Romanização). [Em linha]. Coimbra, ¹1984, ²2013. [Consultado a 9 de Maio de 2017] Disponível na WWW: <URL:<http://hdl.handle.net/10316/578>>

S., A. de M. e - O castello de Santiago de Cacem. [Em linha]. O Panorama. 2ª série, vol. II, nº 69 (22 de Abril de 1843), p. 121-123. [Consultado a 5 de Maio de 2017]. Disponível na WWW: <URL: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/OPanorama/1843/N69/N69_master/N69.pdf>

